



Mestrado em Cultura Portuguesa

Dissertação de Mestrado

Nós Por Cá

“Tradições do Nordeste Transmontano”

Mariana Especiosa do Rosário

Vila Real, Julho de 2008



UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Mestrado em Cultura Portuguesa

Dissertação de Mestrado

Nós Por Cá

“Tradições do Nordeste Transmontano”

Dissertação de Mestrado em Cultura
Portuguesa apresentada na
Universidade Trás-os-Montes
E Alto Douro, desenvolvida sob a
Orientação do Prof. Doutor
Fernando Moreira.

Vila Real, Julho de 2008



“Nós perdemos a capacidade de dialogar com os mitos, tal como Eliade bem o demonstrou. O problema não está em suprimir os mitos ou a religião, mas em dialogar com os mitos, possuir um novo tipo de religião que nos una uns aos outros, que possua uma dimensão mística e sagrada da existência, porque a nossa faceta não mística e não sagrada da existência deve dialogar, a nossa consciência e a nossa racionalidade devem dialogar com essa dimensão sagrada.”

Edgar Morin



Agradecimentos

Toda a dissertação brota de um empenho conjunto, de uma harmonia de interesses e de um conluio celebrado entre várias pessoas.

Arquitectar e edificar o “produto” que agora se apresenta, dar “vida” ao trabalho final, é consequência da ininterrupta procura de colaboração de todos aqueles a quem apelámos na procura de informações, de documentos e de ensinamentos.

Grande é a dificuldade de enumerar todos aqueles a quem devo agradecer por todos os conhecimentos transmitidos, tempo dispensado e valores morais passados para mim, pois este trabalho não é só fruto desse estudo, mas também de uma vida até agora cheia de experiências, sentimentos, pensamentos, emoções e amizades, até porque o que somos, somo-lo devido a tudo aquilo que nos rodeia.

Sem pretender distinguir ninguém em particular - pois pensamos que todos os intervenientes têm o seu devido valor -, aqui fica a nossa sincera homenagem:

- Ao Professor Dr. Fernando Moreira, meu ilustre orientador, pelos seus sábios e ponderados conselhos que me possibilitaram a verdadeira orientação da presente dissertação;

- A todos os professores, que passaram na minha vida académica e que, de uma forma ou de outra, me proporcionaram o conhecimento, o saber e valores que hoje possuo;

- Ao Dr. Pinto, chefe de Divisão Cultural, Desporto e Turismo do Centro Cultural de Macedo Cavaleiros, pela sua disponibilidade, ajuda e apoio constante;

- À Dra. Inês Barrios, Professora do Instituto Jean Piaget de Macedo de Cavaleiros, pela sua disponibilidade e apoio na conclusão deste projecto;

- Aos meus amigos, por tudo o que me proporcionaram ao longo deste percurso, pela força que me deram, demonstrando camaradagem e amizade;

- À minha irmã, pela sua ajuda e incentivo constante;

- Por fim, mas de uma forma muito especial, o meu maior agradecimento vai para os meus pais, uma vez que sem eles nunca teria chegado a esta fase tão



importante da minha vida. Aos meus pais, a quem devo tudo, dedico todo o meu trabalho.

A todos, as palavras foram poucas, mas serão sempre de reconhecimento e gratidão.



Sumário:

Índice Geral

Agradecimentos.....	4
Índice de Figuras.....	7
Resumo	9
Abstract	10
Introdução	11
1. Apresentação e Justificação da Problemática	11
2. Fontes, Metodologia e Organização Estrutural.....	16
PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
CAPITULO I – O ENTRUDO	20
1.1 Origens	20
1.2 Os Ritmos da História.....	20
CAPITULO II - A MÁSCARA E OS FATOS	28
2.1 Máscara: alguns conceitos e opiniões	28
2.2 Uma perspectiva histórica da Máscara.....	31
2.3 Simbologia associada à Máscara.....	34
2.3.1 A máscara como um símbolo na procura de uma definição de identidade.....	34
2.3.2 A máscara entre o profano e o sagrado. Delimitações e alcance dos termos.....	36
CAPITULO III - O CARNAVAL E O MITO.....	43
3.1 O Carnaval e a Máscara (alguns exemplos).....	43
3.2 O Mito.....	45
PARTE II – FUNDAMENTAÇÃO PRÁTICA.....	49
CAPITULO IV – PODENCE: UMA ALDEIA DO NORDESTE TRANSMONTANO.....	50
4. Origem e Evolução Histórica.....	50
4.1 Alguns dados históricos e origem da população.....	50



4.2 Situação Geográfica	52
4.2.1 Limites de Zona	52
4.2.2 Tipologia da População: Ocupação Sócio-económica.....	52
4.2.3 Características Predominantes	53
4.2.4 Locais Onde se Exerce a Actividade Profissional	53
4.2.5 Nível de Escolaridade: Sucesso/Insucesso Escolar.....	53
4.3 Hábitos Culturais em Podence	54
4.3.1 Características Sócio-Culturais	54
4.3.2 Rituais de Grupo	54
CAPITULO V – O ENTRUDO NO NORDESTE TRANSMONTANO.	56
5. Tradição e Significado	56
5.1 Tradições Culturais: O Entrudo de Podence	59
5.2 Os Caretos de Podence: o Renascer de uma Cultura Popular e Tradicional.....	63
5.3 Os Mascarados de Podence.....	69
5.4 A máscara e o seu papel nos rituais populares do Nordeste Transmontano	72
5.5 A Casa do Careto	75
Capítulo VI – IMPRESSÕES	78
6.1 As Máscaras Transmontanas – O presente e o futuro.....	80
6.2 Análise da entrevista realizada ao artesão que confecciona o traje dos Caretos de Podence	81
6.3 Análise da entrevista realizada ao artesão que elabora as máscaras dos Caretos de Podence.....	83
Conclusão.....	85
Bibliografia	89

Índice de Figuras

Figura 1 – Careto: Máscara e fato	39
Figura 2 – Pormenor da Máscara do Careto	39
Figura 3 – Careto: Máscara e pormenor do traje	40



Figura 4 – Pormenores do fato do Careto	41
Figura 5 – Careto em posição de ataque	41
Figura 6 – Baco	47
Figura 7 –Pan	48
Figura 8 – Careto de Podence	59

Anexos

Apresentação de Máscaras do Nordeste Transmontano	99
---	----



Resumo

Se a história de um povo nos remete para a sua identidade, se o seu património é construído a partir das suas raízes culturais então, não será o Carnaval do Nordeste Transmontano uma manifestação de cultura de um povo e de um tempo, de uma determinada região?

Esta cultura é representada/simbolizada, igualmente, pela história, pelas tradições, bem como pela arte e literatura.

No Nordeste Transmontano, as festividades mais características são as festas solsticiais, realizadas nos doze dias que vão do Advento à Epifania. Pretendemos destacar, dada a sua importância, uma das festividades mais representativas que se realizam neste período, ou seja, o Carnaval ou Entrudo de Podence, uma tradição cultural e ancestral que luta por se manter viva, ano após ano. Nesta festa, as máscaras e os seus portadores – os Caretos –, são os protagonistas.

Os Caretos, nestes dias, tornam-se seres superiores, figuras diabólicas e mágicas, a quem é permitido fazer todo o tipo de disparates, tropelias e brincadeiras.

No Nordeste Transmontano, o Carnaval festeja-se de uma forma tradicional e bem portuguesa, com os Caretos e com os Casamentos.

Os Caretos são figuras incarnadas pelos rapazes e homens da aldeia que, por detrás das máscaras de latão pintado, dos característicos fatos franjados e coloridos e com os barulhentos chocalhos que trazem à cintura, assumem o papel de verdadeiros seres misteriosos e demoníacos.

São estes homens e rapazes que, ao longo dos tempos, têm lutado para que esta tradição não desapareça, permanecendo viva entre nós assegurando, assim, a continuidade destas manifestações da cultura de um povo, de uma época, de uma região.

Palavras-Chave: Nordeste Transmontano; Podence; Povo; Tradição; Cultura; Património Cultural; Época; Carnaval/Entrudo; Caretos; Máscaras; Casamentos.



Abstract

If the history of a community remits us to its identity, its patrimony is built from its cultural roots, then can Northern Portugal carnival be a cultural manifestation of a community and of an epoch?

History, traditions, art and literature, in general, are the true cultural manifestations of a community and of an epoch.

In Northeastern Portugal, Trás-os-Montes, the most characteristic festivities are the solstitial festivities, held during the twelve days between Advent and Epiphany.

We intend to point out one of the festivities that are held on these days, we are talking about the Carnival of Podence, a cultural tradition that fights to keep itself alive, year after year.

In this festivity, masks and their wearers are the principal protagonists.

On these days, the Caretos, the men who wear carnival masks, become superior beings, diabolical and magical figures, who are allowed to do all kinds of follies, get into mischief and play jokes.

In Northeast Trás-os-Montes, carnival is celebrated in a traditional and Portuguese way, with the Caretos, men who wear carnival masks, and with the weddings which also take place at this time of the year.

In Podence, a village of Trás-os-Montes, people have fought to keep this ancestral tradition alive.

The Caretos are the boys and the men from the village who, behind their painted brass masks, and their unmistakable fringed and colourful suits with the noisy cowbells they wear at the waist, take the role of mysterious and demoniacal beings.

These village men, who are part of Northeast Trás-os-Montes tradition, have been fighting in order to prevent this tradition from disappearing and in order to keep it alive among us.

Key-Words: Northeast Trás-os-Montes; Podence; Community; Tradition; Culture; Patrimony; Epoch; Carnival; Masks; Weddings.



Introdução

1. Apresentação e Justificação da Problemática

Tal como refere Umberto Eco¹, fazer uma tese significa aprender a pôr ordem nas próprias ideias e a ordenar dados. Trata-se pois, de uma experiência de trabalho metódico que tem por finalidade construir um objecto que sirva para os outros.

Partindo deste pressuposto, a presente dissertação visa dar um contributo para um conhecimento dos mecanismos de formação da nossa identidade, bem como fomentar a aquisição de competências culturais, incrementar o estudo sobre as culturas populares e os saberes tradicionais, promover tradições, investigar e divulgar as nossas identidades, em suma, incentivar o conhecimento e a investigação das raízes míticas, espirituais e culturais de Portugal.

No caso concreto objecto do nosso estudo, ou seja, a aldeia de Podence, este contributo é-nos transmitido através das pessoas – por intermédio da figura do Careto – enquanto representantes vivos de todos estes valores e saberes. A este propósito, José Portugal afirma que:

“ [...ter a consciência de que **a identidade se baseia numa cultura viva** das pessoas que habitam um território. E viva é em mutação permanente. É que o património de uma região ...] é as pessoas; são elas as herdeiras dos artificios daquilo a que hoje chamamos património; são elas que mantêm vivas as tradições e as renovam”².

A região de Trás-os-Montes, embora seja esquecida por muitos - essencialmente pelos nossos governantes -, é palco de paisagens, rituais e tradições magníficas e motivo de inspiração para grandes escritores. Veja-se o exemplo de Miguel Torga, um transmontano que sempre prezou as suas raízes, tão presentes na sua obra e que, metaforicamente, imortalizou Trás-os-Montes como sendo um “Reino Maravilhoso”.

¹ Eco, Umberto: *Como fazer uma tese em Ciências Humanas*, p.32.

² Gil, Helena (coord.) (2002): *Livro de Actas da Galiza e Norte de Portugal, Congresso Cultura Popular*. Porto: Edição Delegação Regional da Cultura do Norte, p.46.



Esta região caracteriza-se pela existência de uma estreita comunhão entre as pessoas e os rituais das suas festas. Estas são alegres, simples e com uma grande conotação religiosa.

As festividades mais características do Nordeste Transmontano são as do ciclo do Inverno, principalmente as festas solsticiais, nas quais se inclui o Carnaval/Entrudo. Este é particularmente significativo, sendo festejado em Podence de uma forma tradicional e genuinamente portuguesa, através da participação dos seus estonteantes Caretos e, ainda, dos tão peculiares “contratos de casamento”.

É, pois, em Podence, que rituais e mitos acordam e renascem todos os anos na época carnavalesca de forma muito particular. Os valores tradicionais deste povo falam mais alto e as figuras enigmáticas do Nordeste Transmontano (Caretos) saem à rua para reavivar memórias de outro tempo, para que estas tradições prevaleçam e continuem vivas entre nós.

Podemos, assim, afirmar que uma das tradições mais vivas e antigas no Nordeste Transmontano é, sem dúvida, o Entrudo de Podence, com o seu ritual ancestral que, felizmente, insiste em perdurar entre nós.

De que forma é que estes rituais nos remetem para a história de um povo e de uma época? No caso concreto do Carnaval do Nordeste Transmontano, este surge como uma manifestação de cultura de um povo e de um tempo por razões de índole religiosa, que a Igreja católica manipulou, fazendo um aproveitamento artístico das festas pagãs que fechavam o ciclo do Inverno, ciclo este que terminava com o ressurgimento de Ceres, deusa da colheita, e de outras divindades a ela associadas. Eram divindades ligadas ao ciclo telúrico e a chegada da Primavera era explicada pelo ressurgimento de Prosérpina à face da terra, o que merecia honras de festa por parte dos romanos. Esse culto foi depois estendido às várias províncias sob o jugo romano e, por um fenómeno de aculturação, assimilado pelos povos sob o seu domínio, o que aconteceu na Península Ibérica, no século I a.C.

Assim, consideramos que de entre as variadas manifestações carnavalescas realizadas no nosso país, aquelas que merecem particular destaque são as que continuam a ser fiéis às suas vertentes tradicionalmente ruralistas, e que não seguem os modernos Carnavais/Entrudos que apenas se celebram em volta dos objectivos turísticos.



O Entrudo de Podence é, por isso, considerado como um Carnaval fiel às suas origens, onde todos os anos o grupo de Caretos sai à rua lembrando a sua génese e representando uma cena vincadamente pagã, sendo visível a ligação do Carnaval de Podence às antigas festas dos romanos, as festas lupercais que se celebravam em honra de Pan, deus dos rebanhos, dos pastores e da fecundidade, ou então, em honra de Luperco, deus pastoril da protecção dos rebanhos contra os lobos. Estas celebrações eram consideradas, antigamente, como festas da Natureza, ou seja, de índole agrária.

São, sem dúvida, estes rituais que unem as pessoas, que intensificam o convívio e a entreajuda que, noutros tempos, tempos de dificuldade, era essencial e fundamental para a sobrevivência das populações.

A presente dissertação irá desenvolver-se em duas partes e será composta por seis capítulos.

Na Parte I, que é constituída pela Fundamentação Teórica, desenvolvemos três Capítulos:

O Capítulo I aborda a temática do Entrudo, o Capítulo II estuda a problemática da máscara e o Capítulo III analisa as origens, ciclos e ritos do Carnaval.

- Capítulo I – O Entrudo

Neste capítulo procuramos, recuando no tempo, analisar a evolução da sociedade e a postura/comportamento do Homem na mesma, conhecer os seus hábitos, as suas festas, crenças, ritos e mitos.

Fazemos uma abordagem sobre as origens do Entrudo, a sua história e evolução através dos tempos. Este estudo possibilita-nos perceber que o Carnaval tem origens antigas e que determinados rituais – ainda hoje executados em algumas localidades do Nordeste Transmontano, em especial na localidade de Podence –, estão ligados a essas raízes míticas, às festas e celebrações da Antiguidade.

- Capítulo II – A Máscara e os Fatos

No segundo capítulo, é estudada a problemática da máscara, começando por se abordar alguns conceitos e opiniões. Apresenta-se, igualmente, uma perspectiva da máscara de cariz histórico, estudando-se, não só a sua evolução como também a sua simbologia, que se manifesta entre o profano o sagrado e, ainda, o seu papel e função nos rituais.



Realçamos o significado, muito particular, que assume a máscara no ritual do Carnaval de uma pequena aldeia Transmontana – Podence – utilizada pelos (já célebres) caretos.

- Capítulo III – O Carnaval e o Mito

Este capítulo é dedicado ao Carnaval e ao mito sendo analisados, no que respeita ao primeiro, as suas origens, ciclos e ritos. Procuramos mostrar as suas características muito próprias, as suas obrigações, as suas “não” restrições. Dedicamo-nos também ao estudo da festa que lhe é inerente, ao que esta significa e representa para o povo.

O mito será analisado enquanto elemento fulcral da existência carnavalesca. Vamos tentar perceber de que forma o fantástico, o imaginário – de uma certa forma a utopia –, influenciam o Carnaval nas suas diversas vertentes.

Na Parte Prática, constituída igualmente por três Capítulos, serão abordados os seguintes temas:

- Capítulo IV – Podence: Uma Aldeia do Nordeste Transmontano.

Neste capítulo identificamos e caracterizamos a aldeia de Podence, apresentando alguns dados históricos, a origem da população, as suas características, bem como a sua localização geográfica. Estes dados, permitir-nos-ão compreender que se trata de uma região pequena do Nordeste Transmontano e que é, nestes meios pequenos e rurais, que encontramos e localizamos rituais, mitos e festividades que se mantêm fiéis às suas origens e raízes míticas.

Podence é uma aldeia de singular tradição etnográfica, ligada à figura do Careto.

- Capítulo V – O Entrudo no Nordeste Transmontano

O quinto capítulo é dedicado ao Carnaval do Nordeste Transmontano, que tem as suas origens no Carnaval da Antiguidade. O nosso estudo mostra-nos que estamos perante festejos de índole pagã, considerados como festas da natureza, de carácter agrário.

É, ainda, abordada a forma como os habitantes de Podence festejam o Carnaval, como este está profundamente ligado aos festejos carnavalescos de antigamente, sendo realizado, ano após ano, um ritual honrado, de origem pagã.

Neste capítulo iremos de igual modo pronunciar-nos acerca dos “contratos de casamento”, outra das tradições, características de Podence, na altura do Carnaval.



Capítulo V I – Impressões

Este último capítulo da dissertação é dedicado à opinião e testemunho de diversas pessoas, ligadas à tradição do Carnaval de Podence. Recolhemos a opinião dos seus habitantes, bem como de alguns residentes em aldeias vizinhas, sobre este rito carnavalesco com características únicas em Portugal, sendo nossa pretensão apresentarmos várias convicções, ideias e crenças sobre este tema e a sua vitalidade nos dias de hoje.

É, igualmente, neste capítulo, que apresentamos as nossas opiniões e ideias sobre o Entrudo, os Caretos e os “contratos de casamento”.

A presente dissertação teve esta sequência uma vez que, para darmos a devida importância a este ritual, a esta tradição, foi necessário compreender que a origem destas celebrações é muito antiga, remetendo-nos para outros tempos, em que o Carnaval não era apenas sinónimo de folia e divertimento.

O Carnaval/Entrudo tem raízes míticas, e é nas pequenas localidades que podemos constatar e perceber a sua origem e a verdadeira simbologia.

Muitas das celebrações carnavalescas são muito mais antigas do que a própria religião cristã, tendo sido alvo de diversas manifestações no decorrer dos tempos. No fundo, todos os Carnavais são memórias das festas dionisiacas da Grécia Antiga, dos bacanaís de Roma e dos bailes de máscaras do Renascimento.

Pretendemos, assim, dar a conhecer a verdadeira vertente do Carnaval analisando o caso da aldeia de Podence. Muitas pessoas festejam e gozam o Carnaval sem entenderem a sua origem e a razão pela qual antigamente se efectuavam estas celebrações, que tinham outros propósitos diferentes dos da actualidade.

Para nós por cá, em Podence, a tradição ainda é o que era.



2. Fontes, Metodologia e Organização Estrutural

Não existe uma investigação sem um estudo prévio e atento da documentação relativa ao objecto em estudo. A análise das fontes estimula, no investigador, o sentido da criatividade, permite-lhe ampliar o seu quadro teórico, localizar analogamente a sua problemática, compreender resultados interessantes e esclarecer as suas ideias. Veja-se, a este propósito, a opinião de Lília Bastos e outros quando afirmam:

“... uma relativa uniformidade estrutural é não apenas desejável como necessária a trabalhos de pesquisa. Entre outras razões, porque facilita a busca e a recuperação de informações no texto.”³

A variedade e abundância das fontes deverá conduzir-nos a uma actuação de ordenação daquilo que realmente é útil e nos interessa, em detrimento de tudo o que nos possa conduzir a tomar rumos distintos de abordagem pretendida.

Encontrar um texto, uma anotação, uma exposição, enfim, um documento, é uma tarefa gratificante mas, separar e proceder à triagem do que efectivamente é importante para o nosso trabalho, pode apresentar alguma dificuldade, uma vez que se torna necessário saber seleccionar, apenas, a informação pertinente ao fim em vista.

Veja-se, a este propósito, o que diz Deshaies: “Os dados, os factos ou as informações estarão (...) contidos nos objectos de estudo respectivo. É o trabalho de pesquisa que, apoiado pelas técnicas científicas de exploração, permitirá juntar as informações pertinentes tendo em vista a satisfação das exigências da racionalidade complexa.” (1992: p.208).

Para o efeito descritivo, foram utilizadas duas classes de documentos: os directos, que têm relação directa com os factos que estabelecem o objecto de estudo e os indirectos, que são passíveis de proporcionar informações ou de possibilitar situar melhor os alicerces das teses estudadas. Quanto à análise dos documentos recolhidos optou-se pelos métodos tradicionais, com a análise externa.

³ Bastos, Lília; Paixão, Lyra; Fernandes, Lúcia e Deluiz, Neize (2003): *Manual para a elaboração de projectos e relatórios de pesquisas, teses, dissertações e monografias*. LTC Editora, ix.



Em suma, face às exigências do tema e dos objectivos da presente dissertação, esta será desenvolvida seguindo a metodologia comum às Ciências Sociais e Humanas.

A análise estrutural e o método histórico serão uma permanente exigência no decorrer da nossa investigação. Recorrer-se-á aos métodos tradicionais e modernos de pesquisa (recolha, análise, comparação, tratamento de dados) e à explicitação dos resultados. Consultar-se-á, sobretudo, bibliografia especializada e dar-se-á especial atenção às obras e artigos relacionados com o tema da dissertação.

O património cultural tem sido alvo de um amplo debate, ao qual não foi alheia a Organização das Nações Unidas no sentido de preservar o património cultural dos Estados Membros.

Ora, sendo Portugal um Estado Membro da ONU e querendo manter “o ilustre peito lusitano” de que nos fala Camões, consideramos caber-nos a responsabilidade de continuar este enaltecimento através da preservação dos nossos costumes, caracterizados não só por uma grande humildade, mas essencialmente, por apresentarem uma cultura muito rica que nos identifica.

Este estudo reporta-se, pois, à identificação e ao reconhecimento dessa identidade que urge, não só divulgar mas, sobretudo, preservar.

Em síntese, podemos afirmar que foi com o intuito de ir ao encontro das tradições do Nordeste Transmontano – nomeadamente o caso particular e singular dos Caretos de Podence, onde a máscara tem um lugar privilegiado –, que decidimos realizar o nosso trabalho a fim de enaltecer os costumes destes povos.

Para a realização da parte prática da dissertação escolheu-se a observação participante, porque só com ela conseguiríamos obter todos os dados que pretendíamos.

A técnica de recolha de dados baseou-se no inquérito por entrevista a fim de fazer uma recolha sistemática dos dados para responder a um determinado problema, tendo sempre em conta que todas as características da investigação qualitativa, assim como as da entrevista e observação, se encontram fundamentadas ao longo da metodologia.

Como forma de garantir a fiabilidade das respostas obtidas pareceu-nos adequado, no desenvolvimento deste estudo, realizar uma entrevista ao único artesão que confecciona os trajes e, uma outra, ao artesão que elabora as máscaras.



Conversámos também, sem que se tenha recorrido à entrevista, com alguns habitantes mais idosos da aldeia de Podence, no sentido de tentarmos captar de uma forma fidedigna, toda a tradição por eles vivida. Contactámos, igualmente, com o Presidente da Associação do Grupo de Caretos de Podence, no sentido de obtermos mais informação pertinente ao nosso trabalho.

Para iniciar este estudo tivemos de ter em conta determinados parâmetros essenciais. Assim, foi partindo deste pressuposto que foi definido o tema, o problema e os objectivos do estudo seguidamente apresentados:

Tema: Nós por cá

“Tradições do Nordeste Transmontano”.

Problema: A preservação de tradições culturais ancestrais.

A máscara e o seu contributo para o desenvolvimento da identidade regional.

Objectivos:

- Reconhecer a importância simbólica atribuída à máscara;
- Compreender a forma como a máscara está associada a manifestações profanas e sagradas;
- Compreender a importância da máscara na definição da identidade cultural do povo;
- Verificar como actualmente a máscara é utilizada;
- Verificar se o povo transmontano reconhece a máscara como elemento símbolo tradutor da cultura;
- Contactar directamente com o artesão reconhecido na arte da elaboração das máscaras de Podence;
- Contactar directamente com o artesão reconhecido na arte de fazer as vestes dos Caretos de Podence;
- Contactar com o director da Associação da “Casa dos Caretos” de Podence.



PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA



CAPITULO I – O ENTRUDO

“O pensamento moderno declarou que o
objecto de estudo mais digno do homem é o próprio
homem. Qual poderá, pois, ser o estudo
mais digno de um povo senão o estudo de si próprio?”

Adolfo Coelho

1.1 Origens

As origens do Entrudo/Carnaval são misteriosas e remotas. A sua reminiscência vem do inconsciente colectivo dos povos.

Cientificamente não podemos comprovar a natividade do Carnaval, porém, apoiados em pesquisas da história da evolução do homem, depreendemos que os primeiros sinais do Carnaval apareceram com os cultos agrários.

1.2 Os Ritmos da História

Temos conhecimento que o surgimento da agricultura só sucedeu depois do final da última glaciação da terra há, aproximadamente, dez mil anos a.C., quando melhores condições climáticas fizeram nascer nos espaços das vastíssimas e desprotegidas geleiras, bosques e pradarias, abundantes em recursos animais e vegetais. O novo ambiente da terra fez com que os humanos saíssem das cavernas para os campos. Os homens evoluíram para a domesticação e criação dos animais e cultivo dos vegetais. Estes homens, favorecidos pelo limo que tornava as terras irrigadas pelo rio Nilo extremamente férteis, povoaram as suas margens e, a partir do IV milénio antes de Cristo, evoluíram para as unidades políticas (ou regiões administrativas) chamadas “Nomos”, os verdadeiros dinamizadores da agricultura e dos cultos agrários.



Assim, da revolução neolítica, a qual, entre outras coisas, se distinguiu por o Homem ter deixado de ser nómada e passado a ser sedentário, resultou que comessem a ser formadas aldeias, evoluindo para vilas, cidades, civilizações. É então que o Homem cria o conceito de Sociedade, que nascem a agricultura, a pastorícia, os ofícios e outras bases de economia e organização social, as quais se desenvolveram até à actualidade.

O homem deixa de se deslocar em função da caça, e começa a ler – no seu saber empírico – as coincidências, repetições dos dias, noites, meses, anos, estações, constelações, entre outras. Começa a olhar as estrelas e a fazer registos, nascendo assim os calendários. No início estes não eram como os conhecemos hoje, sendo que cada civilização tinha o seu, com os seus ritos, com a sua cultura.

Constata-se que estes calendários, de cariz popular, têm a sua origem nos antigos cultos naturalísticos, resultando dos mesmos a sequência das festas anuais. Segundo Coelho: “As festas populares em diferentes épocas do ano têm evidentemente origem nos velhos cultos naturalísticos. Elas referem-se principalmente ao giro das estações, às fases diversas do curso aparente do sol, cujos efeitos sobre a natureza impressionaram vivamente os criadores desses cultos. À luta quotidiana da luz e das trevas, do dia e da noite, correspondia a luta das estações, como a representação em ponto grande do mesmo drama, que era simbolizado nos cultos.” (1993: p. 278).

Ao longo da história, o desenvolvimento destes calendários foi-se refinando e, devido aos impérios criados, os ocupantes impunham toda a sua cultura (divindades, costumes, língua, os seus próprios calendários, festas e até descendência) por vezes durante séculos.

O tempo social não parece contínuo, nem regular, mas sim pendular. Ou seja: é mais vivido como alternativo, com cesuras no decurso uniforme, do que como linear ou, até, cíclico. Este tempo seria a espaços interrompido por períodos de inversão, assinalados pela permuta dos papéis sociais – com ou sem máscaras e disfarces – seguido de períodos de formalidades, muito fiéis às regras de comportamento e protocolos, antes do recomeço das rotineiras ocupações do dia-a-dia. Vejamos, a este respeito, o que diz Caillois: “Os escravos comem à mesa dos senhores, mandam neles, troçam deles e estes servem-nos, obedecem-lhes, sofrem afrontas e admoestações. Em cada casa, um Estado em miniatura é



constituído: as altas funções, os papéis de pretores e cônsules são confiados aos escravos, que exercem então um poder efêmero e paródico.” (1988, p. 119)

Cada *facies*, cada cultura, tem o seu modo particular de articulação desses períodos de fluxo e de paragem, a sua própria maneira de organizá-los em relação recíproca; e é essa maneira como cada uma delas utiliza essas pontuações da duração que contribui para lhe dar um estilo próprio e um ritmo lento ou rápido: solenidades ruidosas seguidas de longos períodos de calma ou incessantes séries de festas menores – algumas das quais, contudo, adquirem particular relevo – festas íntimas ou aglomerações multitudinárias. Pela soma das participações individuais e pela exaltação dos momentos de comunhão colectiva, as festas reforçam sempre a coesão da sociedade e são benéficas aos grupos, que só existem e só perduram pela densidade e pelo entrelaçamento das redes de relações estabelecidas entre os membros participantes. Em todas as culturas o corpo social organiza – com base na consciência e nas memórias colectivas e por intermédio das crenças e da religião – cerimónias que o mantêm e o revigoram.

Muitas festas ligadas a trabalhos e ritos agrários, mantêm-se concomitantes com as estações. Outras, que exaltam o grupo em si, menos na sua existência que na sua essência, baseiam-se na comemoração de acontecimentos que marcaram o passado comum. Do mesmo modo são exaltadas personagens que o grupo tem por fundadoras ou benfeitoras, em cuja primeira linha figuram os heróis míticos, ou lendários – a que facilmente são associados os antepassados ou mesmo, por contiguidade, pessoas recentemente falecidas. Essas cerimónias, que dizem respeito a todos os membros do grupo – tanto aos mortos como aos vivos, para que todos nelas tenham a sua parte –, podem ser graves ou burlescas, calmas ou descabeladas, ou começar num registo e terminar noutro, deslizando, em geral, do recolhimento para a exuberância.

O regozijo, nascido da momentânea abundância, da comunhão com os demais membros do grupo, provoca uma desconstracção muito temporária das regras e restrições sociais – que no final saem, porém, reforçadas. Mas essa licença tolerada, esse acumular de tensões por vezes difíceis de suportar, mostra sempre tendência a ganhar um carácter subversivo, visto que a festa é, por excelência, o lugar possível da crítica e da contestação. É por este motivo que os poderes que enformam e estruturam a sociedade se esforçam por impedir que a



festa saia dos seus limites institucionais. Procuram dominá-la, se necessário, suscitando-a e canalizando-a.

Toda a História é feita também de ritmos, sendo, o tempo, um dos principais.

Estas festividades, como vimos, acompanham o Homem desde a já mencionada revolução neolítica. Mais tarde há registos de que a cultura celta também tinha ritos de períodos de inversão mas, dado que este povo não era unido como império, nem como uma civilização coesa mas, sim, constituído por clãs que povoavam a maior parte da Europa, foram facilmente vencidos pelas magníficas legiões romanas. Nasceu assim o Império Romano, trazendo consigo toda a sua cultura.

Nas civilizações ocidentais o Carnaval é, provavelmente, a festa mais espectacular. Os principais aspectos desta festa, associando diversas crenças sobre o temporário regresso dos mortos e sobre a fecundidade, recordam, sem dúvida, as antigas festas saturnais, lupercais, bacanais e matronais dos romanos.

Considerando-as na ordem por que se apresentavam no calendário da Roma antiga, devemos lembrar que as saturnais, celebradas a 16 das calendas de Janeiro e que acabavam por durar 7 dias, eram um período de licença e de distúrbios. Os tribunais e as escolas entravam de férias. As casas eram purificadas e lavadas. Cessavam todas as hostilidades e não se realizavam execuções de condenados. As pessoas trocavam presentes e – principalmente –, durante essa festa campesina cujos festins degeneravam em orgias, as distinções sociais não só eram abolidas como eram, mesmo, invertidas. Escravos com o gorro dos libertos na cabeça percorriam a cidade semeando desordens; outros tomavam o lugar dos seus senhores e estes serviam-nos à mesa. Vejamos, o que refere Chevalier, relativamente às Saturnais: “(...) les Saturnales, les rapports sociaux étaient renversés, les serviteurs commandaient aux maîtres, ceux-ci servaient à table leurs esclaves.” (1983: p. 848)

Esta festa, embora reformada depois da derrota de Trasimeno (217 a.C.) – interpretada pelos Romanos como um sinal da cólera dos deuses –, tornara-se nacional, a fim de selar a união de todas as classes sociais do *Populus Romanus*, e foi sempre muito ruidosa.

As pessoas sérias, receosas desse tumulto que fazia a felicidade das massas, iam refugiar-se nas suas casas de campo.



As *lupercais*, de 15 de Fevereiro, davam início a uma série de lustrações e purificações (*februa*): as *Quirinalia*, a 17 e 18, e depois as *Terminalia*, a 23, envolviam a «antiga cidade», em seguida os bairros periféricos e, por fim, as vilas isoladas dos particulares. As *lupercais*, dedicadas ao deus *Faunis*, começavam com sacrifícios de bodes, cabras e cães e prosseguiam com o simulacro de dois jovens, que tinham de rir a bandeiras despregadas. Depois disto, os *lupercos*, nus ou apenas cobertos com as peles dos caprinos imolados, formavam dois grupos que percorriam toda a cidade, em sentidos contrários, com cantares e gestos obscenos e fustigando com tiras de pele de bode (igualmente *februa*) os espectadores – principalmente as mulheres, que a tanto se expunham para obter a fecundidade. Esta festa, bastante indecente mas muito concorrida, manteve-se até tarde – embora mostrando-se ineficaz contra a peste de 473 – e só em 494 foi abolida pelo papa Gelásio, que a substituiu, exactamente nas mesmas datas, 40 dias depois da Natividade, pela festa da Purificação da Virgem. Do mesmo modo as *Quirinalia* se transformaram na «Festa dos Loucos», ou dos Tolos, e a data das *Terminalia*, festa em que se ia levar de comer aos mortos, foi atribuída à cadeira de S. Pedro.

As bacanais, originariamente celebradas apenas pelas mulheres iniciadas nos mistérios de Baco, eram, nesses tempos, secretas. Efectuavam-se de noite, cinco vezes por mês. As matronais, menos conhecidas, eram dedicadas a *Juno Lucina*, deusa dos partos; realizavam-se a 1 de Março no bosque sagrado do *Esquilino* e as mulheres procuravam, com elas, obter fecundidade e partos fáceis.

Estas quatro festividades, celebradas durante o Inverno, estavam amplamente disseminadas em todo o Império. Várias persistiram até ao fim do século IV da nossa era, e algumas das suas características encontram-se, mais ou menos representadas, nos folguedos do Carnaval: a irrupção dos fantasmas na cidade, cujos edifícios religiosos são encerrados, a inversão – muito breve, mas espectacular – dos papéis e das situações sociais, os ritos da fecundidade, os cortejos ruidosos, a beberronia, o júbilo do povo... Estes elementos, repartidos por diversos episódios, foram cristianizados de um modo mais ou menos feliz por meio de decisões eclesiásticas ou da presença secundária do sacerdote católico. Pretendia assim, a Igreja, não só moralizar como controlar uns festejos em que os apetites carnavais pareciam desenfreados.



Mas estas festas populares não têm as suas origens, unicamente, nas festas romanas celebradas antes da chegada da Primavera. Os seus ritos inspiram-se num folclore muito mais vasto, como a festa anglo-saxónica de Halloween, visto que muitas cerimónias rituais se encontravam ligadas ao ciclo agrário. Põem em acção duas práticas principais: a coreográfica e a processional. E duas categorias: por um lado, as cerimónias cíclicas, o Carnaval-Quaresma no fim do Inverno, a Páscoa no início da Primavera, o S. João no solstício do Verão, o meio-Agosto com a aproximação do Outono e os Doze Dias, do Natal aos Reis, na entrada do Inverno, por outro lado, as cerimónias puramente agrárias. A integração de umas e outras resulta da sua inserção no calendário, quer como tais, quer em razão das virtudes ou competências especiais atribuídas por motivos diversos, a tal ou tal santo – como S. Vicente, diácono e mártir (século IV), padroeiro borguinhão do vinho.

O Carnaval, que não é cristão, começa portanto, a 2 de Fevereiro. Como diz a *Lenda Dourada*⁴ (188-196) esse dia é o da «Hipagância»: o encontro, a apresentação do Menino Jesus, no Templo de Jerusalém. É também a Purificação da Virgem Maria, decorridos quarenta dias sobre o nascimento do seu primogénito. E é, por fim, a Candelária, porque se leva na mão uma vela acesa. O papa Sérgio desviou, em proveito da Santa Mãe do Senhor, com círios acesos e velas bentas, umas festas que eram celebradas pelos Romanos, nas Calendas de Fevereiro, em homenagem a *Fébrua*, mãe de Marte (deus da guerra), e umas outras «festas das luzes», celebradas pelas Romanas em recordação de *Prosérpina*, raptada por *Plutão*, deus dos Infernos, e que elas procuravam com tochas e archotes acesos. Desta maneira, a solenidade mantinha-se, mas a finalidade era outra.

Em suma, o homem começou a entrar no mundo da utopia através da celebração. Assim, o homem celebrava o fim das desgraças, do Inverno que o prendia às cavernas, e saudava a entrada da Primavera e o nascer e o pôr-do-sol, com danças e cânticos para afugentar as forças negativas que danificavam as plantações.

Actualmente, restam apenas, dessas antigas cerimónias, segundo cremos, os cortejos que incluem as procissões, acompanhadas por música.

⁴ Jacobus de Voragine, ca 1228-1298



Assim, supõe-se que o Carnaval no seu início era só uma exteriorização de cunho processional, ligada a vários rituais do final do Inverno e princípio da Primavera.

O Carnaval pode, de igual modo, representar uma memória das festividades consagradas a Ísis, a ilustre deusa do antigo Egipto, celebradas no Outono e nos primeiros dias de Março em Roma.

Ísis, deusa universal e suprema, adorada pelos gregos e pelos romanos, guardava o segredo da fecundidade, da vida, da morte e da ressurreição.

Das cerimónias a si dedicadas, destacava-se a de lançar ao mar uma barçaça “*o carrus navalis*” (carro naval), abençoada por um sacerdote e repleta de oferendas. Este ritual tinha como objectivo a purificação e a fecundidade das terras.

As pessoas assistiam, mascaradas, à partida da barca, prosseguindo posteriormente em procissão pelas ruas, crentes nos favores de Ísis, ou seja, na bondade da terra com o originar das novas sementeiras e o resultar de colheitas ricas.

O carro naval (“*carrus navalis*”) era representado nas procissões e nas mais variadas manifestações festivas; o seu nome foi, com o decorrer do tempo, ligado, com ou sem razão, ao de Carnaval.

A explicação etimológica para o termo «Carnaval», na era cristã, aponta para a palavra *Carnisvalerium*: *Carnis*, de carne, *valerium*, de adeus, ou seja, apontaria o “adeus à carne” em função da quadra seguinte, a Quaresma, onde a carne não é permitida na alimentação dos cristãos.

Tal como a palavra Carnaval também a palavra Entrudo, utilizada principalmente nos meios rurais, tem semelhante significado (dar entrada, começo, ou anunciar a aproximação da quadra quaresmal).

Como atrás foi mencionado, cada civilização criou não só os seus próprios calendários de festas como também os chamados períodos de inversão. Estes estão intimamente ligados aos primórdios de várias tradições, diferentes culturas e lugares.

Em Portugal, podemos encontrar referências ao Entrudo, num documento datado de 1252, no reinado de D. Afonso III, apesar de não estar relacionado com as festividades carnavalescas, mas sim com o calendário religioso.



Actualmente, o Carnaval/Entrudo em Portugal continua a ser comemorado todos os anos, de Norte a Sul do País, embora não seja com o mesmo intuito do passado, e sim com um objectivo mais turístico.

Na região do Nordeste Transmontano, o Entrudo mantém as suas origens pagãs e celebra-se de modo tradicional, fiel às suas origens, também com o objectivo de chamar turistas à região mas, fundamentalmente, para mostrar e manter as raízes míticas que nos ligam aos nossos antepassados.



CAPITULO II - A MÁSCARA E OS FATOS

“Uma máscara não é, principalmente, aquilo que representa mas aquilo que transforma, isto é: que escolhe não representar.”

C. Lévi-Strauss

2.1 Máscara: alguns conceitos e opiniões

Etimologicamente, a palavra máscara deriva do Árabe *maskhara*, zombaria. É usada para referir a peça com que se tapa o rosto para disfarce ou protecção.

Historicamente, a palavra máscara encontra as suas origens no teatro, quando os actores a utilizavam para se mascararem nas personagens que iriam representar. Aliás, a mesma está patente no símbolo relativo ao teatro, o qual é composto por duas máscaras.

A “máscara”, enquanto objecto, pode ser encontrada em todos os continentes. Mas, se já as máscaras europeias se podem distinguir das restantes, as portuguesas – e estamos a pensar nas de Trás-os-Montes –, têm também a sua especificidade, ainda que existam muitos pontos comuns com as anteriores, particularmente no que respeita à sua representação social. De carácter ritual, cultural e profano, nas máscaras transmontanas, tal como nas suas congéneres europeias, para além do carácter lúdico mais notório, é possível destacar três finalidades fundamentais: “propiciatórias, apotropaicas, profilácticas” (Pereira: 1973, p.11). Estas são inerentes a algumas acções dos mascarados, tais como: peditórios, rituais, comportamentos obscenos, aspersões com água e cinza, combates, danças, barulheira de chocalhos e campainhas, roubos, cerimónias, etc. Sendo também verdade que, conforme afirma Pereira, “Por vezes, elas integram-se em cerimónias que assumem carácter de verdadeiras representações dramáticas e através de trajes e atributos prefiguram seres sobrenaturais” (Pereira: 1973, p.11).



Quando tenta explicar as origens do Carnaval, Karl Meuli (cit. por Pereira: 1973, p.11), relaciona as máscaras com espíritos dos antepassados. Como funções capitais, assinala os peditórios, as censuras, as bênções e as oferendas. Segundo o mesmo autor, estas três actividades operam-se, em larga medida, segundo ritos próprios dos espíritos. Eles pedem, mas não mendigam uma esmola; pelo contrário, eles exigem a oferenda como um direito que lhes é devido. Muitas vezes, a oferenda desaparece de maneira misteriosa, e diz-se então que eles a roubaram. Esse género de *roubo* é muito espalhado e considerado como um direito capital das máscaras. Como formas de censura, as máscaras actuam através de discursos ou de loas públicas, geralmente em versos satíricos, de representação mímica da acção incriminada. Em alguns casos elas abençoam e fazem oferendas.

Citado por Pereira (1973, p.13), para Niko Kuret é “... notório que as máscaras e os mascarados ainda hoje vivos no mundo popular europeu têm antigas origens culturais. A passagem de uma estação a outra, ou de um ano ao outro, constituiriam durante longo tempo o momento de crise e de risco em vida social e cultural. O mundo sobrenatural desencadeava-se e as almas dos defuntos voltavam do outro mundo para castigar ou premiar os vivos. E, durante milénios, grupos de homens ou verdadeiras e próprias sociedades cerimoniais, em coincidência com este período de risco, envergavam vestimentas rituais que, representando os demónios e antepassados garantiam e controlavam as relações entre os vivos e o mundo sobrenatural”.

Este autor considera que os *mimos* bizantinos estão na origem de uma função de importância essencial na formação do património popular europeu das cerimónias dos mascarados, afirmando que: “Nessa passagem do paganismo ao cristianismo, que no campo das práticas quotidianas da vida e das celebrações e festas foi longa e fatigante, as antigas cerimónias rituais vinham perdendo o *arcaico* valor cultural, ao mesmo tempo que se acentuava o seu carácter jocoso. Os *mimos* bizantinos, que tinham absorvido elementos também do oriente vizinho, faziam-se portadores, para o território do império romano, de cerimónias mascaradas que vinham juntas e conservadas pelas populações mais diversas, a despeito das numerosas condenações eclesiásticas” (Kuret, citado por Pereira: 1973, p.14).

Neste processo de difusão, que tem o seu ponto de partida na Península Balcânica, devem fazer-se ressaltar, pelo menos em boa parte, as numerosas



semelhanças, a identidade de ritos e de personagens que se encontram desde toda a Europa Continental, até à Inglaterra e países nórdicos. É preciso não esquecer, porém, que as diversas populações conservam ou elaboram formas ou variantes próprias, seja pela existência de substractos culturais, seja pela incidência dos acontecimentos histórico-culturais mais recentes, da Idade Média à Renascença e à Idade Moderna. A título de exemplo, podemos recordar a influência exercida sobre as tradições precedentes, pela época medieval, em que a figura do demónio e das máscaras diabólicas bicornudas, eram largamente utilizadas nos mistérios, nas paixões, nas representações sociais; lembre-se as inovações provocadas em certas zonas de desenvolvimento, no teatro profano medieval, de personagens cómicas de origem mais ou menos culta; e ainda as repercussões sobre a tradição popular das máscaras da comédia *Dell Arte* que reelabora tradições antigas.

Entre elementos que se mantêm constantes nos principais mascarados europeus destaca-se, como característica comum, o facto de centrarem numa personagem a personificação do período estacional ou anual concluso, sendo muitas dessas personagens acompanhadas por figuras femininas.

Segundo o etnólogo espanhol Júlio Caro Baroja (cit. por Pereira: 1973, p.13) certos mascarados de Inverno relacionam-se também: “...claramente com a noção da aparição dos demónios e fantasmas e das almas dos mortos sobre a terra em torno do solstício de Inverno – e a propósito da relação que alguns investigadores modernos estabelecem entre o acto de se mascarar e o culto dionisíaco nos países clássicos, refere que – no mês de Neptuno grego, que corresponde ao mês de Dezembro, tinham lugar as dionisíacas rurais, nas quais parece que os camponeses se mascaravam e celebravam certas farsas de carácter curioso (...). Quer dizer que ao Deus se prestava culto no período do solstício de Inverno ao começo ou aproximação de equinócio, na mesma época em que, na Europa, se celebravam mascaradas”.

Outro autor citado por Pereira (1973, p.15), Jean-Loius Bédouin, salienta que o cristianismo inverteu os dados do problema relativos à máscara: “Até então – diz ele – a máscara havia sido um objecto mais ou menos perfeito, graças ao qual o homem havia tentado elevar-se acima da sua condição terrestre, de vir a tornar-se semelhante aos deuses”.

No momento em que um novo dogma prevalece e se admitiu que a identificação se devia efectuar no outro sentido, do divino ao humano, é claro que



a máscara perdeu, pelo menos no Ocidente, a sua principal razão de ser. Contudo, ela continuou a desempenhar um certo papel na tradição popular. Esta guarda durante muito tempo os vestígios das práticas herdadas dos antigos cultos agrários, como prova abundantemente uma grande parte do folclore europeu.

É no seio desta tradição, particularmente viva em certas regiões, que as máscaras conservam até aos nossos dias, as suas antigas funções mágicas. Contudo, a presença dos mascarados na festa, bem como alguns elementos que lhe estão associados – dança, música profana, o chocalhar e o fustigar, os gritos que soltam ao longo das correrias pelas povoações – têm sido, ao longo dos tempos, alvo de críticas por parte da hierarquia da Igreja Católica, críticas que se prendem, também, com o facto de a máscara se assemelhar a uma figura enigmática, de aparência diabólica e com elementos tidos, na tradição, como demoníacos.

Na verdade, o cristianismo conferiu às máscaras um valor puramente negativo que elas jamais tiveram, transformando-as, na maioria dos casos, num artifício diabólico. Caro Baroja, outro autor citado por Benjamim Pereira, relembra que as festas de Janeiro foram sempre objecto de críticas e condenações, sublinhando que “a relação das práticas que os padres da Igreja e os cânones registam como características do primeiro ano, ou das calendas de Janeiro, com as que modernamente existem (...) parece indiscutível”. (Benjamim Pereira 1973: 15).

As cerimónias tradicionais de mascarados portugueses – embora na maioria dos casos sofressem já algumas alterações, tornadas obrigatórias em consequência da necessidade de adaptação e integração em novos contextos –, na dependência das celebrações religiosas, continuam a expressar diversões profanas e lúdicas na época do Natal e Carnaval.

2.2 Uma perspectiva histórica da Máscara

Descendo às suas origens, somos confrontados com a génese sagrada da máscara. Os Coreutas Gregos foram os primeiros a pintar a cara com borras de



mosto e a cobrir o corpo com peles de bode, nas evoluções orquéstricas do ditirambo⁵.

A primeira máscara com características uniformes e pessoais foi a máscara de Sátiro. Com a criação da ficção e da tragédia, a máscara passou a caracterizar determinada personagem – Deus, titã, rei, entre outros. Foram estas e outras figuras, as grandes personagens das fábulas dramáticas do teatro grego.

No século de Aristóteles a máscara era apenas utilizada na comédia, uma vez que este considerava que a tragédia era um género destinado a louvar os deuses, os heróis, logo, onde a máscara não tinha lugar. “A comédia grega, anterior ao século IV a.C., que foi o século de Aristóteles, já fazia uso de um adereço denominado **próssopou**, derivado de **próskê**, significando falsa aparência ou transformação da aparência, que os gregos chamavam **metaskêusa tisomai**, quer dizer, o acto de alguém se disfarçar de outro, ou outra entidade. (...) Aristóteles (Poética, 1449b) apresenta as duas principais finalidades da **prossopa**, uma delas a de servir de adereço para satirizar homens e personalidades inferiores, que era o objecto ou tema da comédia, pelo que no seu tempo, a máscara não teria uso na tragédia, género destinado a tecer o louvor dos deuses, dos heróis e das figuras míticas.” (Gomes: 2006, p. 9).

As máscaras que usavam eram esculpidas em vários materiais (barro, madeira, cortiça), deixando as órbitas e a boca abertas, sendo ainda coroadas e guarnecidas de abundantes cabeleiras, que o autor afivelava antes de entrar em cena e que, além de definir uma determinada pessoa da tragédia mantinha, imutável, uma certa característica. Quando os sentimentos da personagem mudavam do riso às lágrimas, ou à cólera, as máscaras eram substituídas e modificava-se a expressão conforme as necessidades da acção da cena.

Foi durante o século V que a máscara se aperfeiçoou, não só sob o ponto de vista estético – a sua confecção era entregue a escultores notáveis – como sob o ponto de vista mecânico. Com o avançar do tempo, as *caraças*, máscaras mais pequenas, trágicas ou cómicas convertem-se de simples ficção de tipos expressivos, em aparelhos de ressonância que avolumavam a voz humana e aumentavam a sua sonoridade. Gomes, afirma que: “A outra finalidade da

⁵ In: Wikipédia “**Ditirambo** (do grego *dithýrambos*, pelo latim *dithyrambu*) era um canto coral de carácter apaixonado (alegre e sombrio), constituído de uma parte narrativa, recitada pelo cantor principal, ou corifeu, e de outra propriamente coral, executada por personagens vestidos de faunos e sátiros, considerados companheiros do deus Dionísio, em honra do qual se prestava essa homenagem ritualística.”



máscara, que também já vinha, na Grécia, da mais arcaica antiguidade, era o que a própria palavra então significava – amplificador de som.” (2006: p. 10)

Mais tarde, também os romanos usavam nas suas representações teatrais esta espécie de aparelhos, embora os actores preferissem a voz natural.

Na Idade Média a máscara desapareceu quase completamente, sendo raramente encontrada, quer no teatro, quer nas cenas de vida. Os *mistérios* eram representados sem máscara, apresentando-se os actores com a sua própria fisionomia, modificada apenas por caracterizações rudimentares. Só em certas solenidades religiosas usavam máscaras, como nas procissões e, sobretudo, na célebre festa da Epifania, saturnal cristão em que se parodiava a liturgia e a hierarquia eclesiástica.

A máscara torna porém a reaparecer durante o Renascimento, não só como atributo inerente ao ritual da comédia e da tragédia, mas também como de uso corrente, sobretudo no traje civil do século XVI. É, no entanto, mais rudimentar e mais expressiva, não passando muitas vezes de uma ante-face de veludo, quase sempre negra, destinada a vedar os olhos, o nariz e parte do lábio superior.

Na Itália do Renascimento, o uso da máscara em certos meios foi tão corrente, como o uso das luvas. Mais tarde, até quase ao fim do século XVIII, em Veneza e em Florença, as damas da sociedade fizeram da máscara um objecto indispensável ao prestígio da vida elegante.

O Entrudo utilizou a máscara, não só para esconder a face, mas também para criar a ficção de certas personagens quase sempre caricaturais. O grande século da caraça carnavalesca foi o século XIX, com o seu entusiasmo pelas festas de Entrudo.



2.3 Simbologia associada à Máscara

2.3.1 A máscara como um símbolo na procura de uma definição de identidade

Em Portugal, a máscara tem um carácter ritual, cultural e profano, e a ela se associam vários elementos, como peditórios, rituais, comportamentos obscenos, combates, danças, barulheira de chocalhos, roubos cerimoniais, etc.

Os mascarados, através da sua indumentária e atributos, assumem-se como seres sobrenaturais.

A máscara serviu desde sempre, na história do homem, como uma personificação divina usada em forma de rituais. Estes ritos existiram em todas as diferentes civilizações do planeta Terra, ou seja, tanto a máscara transmontana como a africana, das Antilhas à Polinésia, do Brasil à Ásia, todas tiveram origem em ritos. De entre outros, salientamos os ritos de fertilidade ou fecundidade, de iniciação, ou passagem à idade adulta, de passagem (estações do ano), culto dos mortos, religiosos, ciclos lunares, ciclos do Sol, ritos agrários (sementeiras e colheitas). Não podemos deixar de salientar que todos estes ritos remetem para os ciclos, ou seja, ciclos de renascimento, de vida nova. Veja-se, a este propósito, particularmente no respeitante aos ritos de iniciação e fecundidade, o que diz Caillois: “As cerimónias de fecundidade não são as únicas. (...) Existem outras que têm a finalidade de fazer entrar os jovens na sociedade dos homens e de os agregar assim à colectividade. São os ritos de iniciação. Podem ser comparados com grande exactidão às precedentes e fundam-se, tal como estas, na representação dos mitos relativos às origens das coisas e das instituições. (...) As cerimónias de fecundidade garantem o renascimento da natureza, as cerimónias de iniciação o da sociedade.” (1988: p. 108)

A máscara é um elemento que, temporal e espacialmente, conhece uma enorme representação e um universalismo que nenhum outro testemunho material da cultura humana iguala. Através dela, o mundo dos Deuses e dos mortos instala-se, temporariamente, entre os homens. Segundo Caillois. “Seja qual for a sua



duração, este tempo vê confundirem-se o além e a vida terrena. Os antepassados ou os deuses, encarnados por dançadores mascarados, vêm misturar-se aos homens ...” (1988: p. 111)

Na actividade humana, que é marcada pelo simbólico, a máscara faz sentir a presença oculta da transcendência, ao mesmo tempo que nos dá elementos para compreender o homem nas suas manifestações culturais, talvez porque ela própria é essa manifestação, escondendo-se no que figura, no que rejeita ou impõe. Chegamos mesmo a pensar que ela nos faz participar num jogo dialéctico que nunca iremos conhecer, existindo sempre um distanciamento só comparável ao distanciamento para com as divindades de cada povo ou civilização.

A máscara representa ainda um papel sumamente importante nas sociedades fortemente integradas e fechadas nos seus próprios valores, operando-se por seu intermédio a corporização de modelos ideológicos e dos mitos explicativos da criação do mundo e sua organização, configurando e ajudando a fixar a sua estrutura, actualizando-os cíclica e ritualmente.

Karl Meuli, a propósito das raízes do Carnaval, assemelha as máscaras aos espíritos dos antepassados. E como utilidades principais, demarca os peditórios, as censuras, as bênçãos e oferendas: “Estas três actividades operam-se, em larga medida, segundo os ritos próprios dos espíritos. Eles pedem: não quer dizer que mendigam uma esmola; pelo contrário, eles exigem a oferenda como um direito que lhes é devido. Muitas vezes, a oferenda desaparece de maneira misteriosa e diz-se então que eles a roubaram. Esse género de “roubo” é muito espalhado e considerado como um direito “capital das máscaras”.(1967: p. 11)⁶.

Na opinião de Jean-Louis Bédouin, o cristianismo trocou os dados do enigma da máscara: “Até então, a máscara havia sido o instrumento mais ou menos perfeito, graças ao qual o homem havia tentado elevar-se acima da sua condição terrestre, de vir a tornar-se semelhante aos deuses. No momento em que o novo dogma prevalece e se admitiu que a identificação se devia efectuar no outro sentido, do divino ao humano, é claro que a máscara perdeu, pelo menos no Ocidente, a sua principal razão de ser. Contudo, ela continuou a desempenhar um certo papel na tradição popular. Esta, guarda durante muito tempo os vestígios das [...] práticas herdadas dos antigos cultos agrários, como o prova abundantemente

⁶ In: *Máscaras Portuguesas*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1973, p. 11.



uma grande parte do folclore europeu. É no seio desta tradição particularmente viva em certas regiões do campo que as máscaras conservaram até aos nossos dias as suas antigas funções mágicas”.⁷

2.3.2 A máscara entre o profano e o sagrado. Delimitações e alcance dos termos

No Nordeste transmontano, o ciclo festivo de Inverno está inserido no período que se inicia com o solstício passando por vários períodos terminando com o Carnaval. Pereira, socorrendo-se das palavras de Ernesto Oliveira Pereira, lembra-nos que o Carnaval é “uma das festividades cíclicas mais complexas e ricas de aspectos e significados tendo a sua origem num fundo agrário” (1993: p.73).

Estas festas, têm um pouco de sagrado e de profano, que se manifesta entre o cristão e o pagão, ou seja, estamos perante uma coesão pacífica de duas situações existenciais que o homem criou e que, tal como nos refere Tiza, “surtem aqui como algo *sui generis*, diferenciadas de lugar para lugar, em que tanto se demarcam radicalmente como se aproximam” (2004: p.15). O simbolismo do culto da natureza, o acto profiláctico de purificação da comunidade e o acto do culto dos santos, surgem como uma estreita relação entre o homem e o sobrenatural que se tocam, que se misturam e se confundem.

Estas festividades de Inverno, têm diferentes rituais constituídos por actos sagrados “porque encerram sempre uma certa forma de culto a prestar à divindade” (Tiza: 2004, p.16), procurando sempre estabelecer uma ligação com os mortos, existindo, como afirma Eliade, um certo paralelismo em que o Homem tenta uma possível aproximação com os deuses: “lá no recinto sagrado, é tornada possível a comunicação com os deuses, existindo uma porta para o alto, onde os deuses podem descer à terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu” (Eliade: 1979, p.63).

Actualmente, nas festas de Inverno em algumas localidades do Nordeste Transmontano podemos verificar que ainda está bem presente, na população em geral, toda a magia e o mistério que provocam essas festas e que comprovam o

⁷ Idem, p.15.



que foi dito anteriormente, particularmente no que respeita à “Festa dos Rapazes”, em que a liturgia cristã está sempre presente no acto festivo, mesmo que se trate de uma festa tipicamente pagã, e vice-versa. Estas rondas, que são feitas formalmente pelos mascarados, pelos mordomos ou pelos juízes da festa são um acto onde está presente toda a cortesia de um momento solene da liturgia pagã: “Os líderes, denominados mordomos ou reis, detêm todo o poder da organização profana da festa, mas também se responsabilizam pela componente religiosa” (Tiza: 2004, p.23).

Muitos rituais são realizados na praça pública tais como as danças, as chocalhadas dos mascarados, as representações que acompanham toda a crítica social e que se desenrola durante dias. Estes caracterizam-se por ter uma carga diabólica que lhes é popularmente atribuída.

O acompanhamento da missa pela gaita-de-foles, pode ser considerado uma intromissão do profano no sagrado, uma vez que aquela foi sempre tida como um instrumento profano, mantendo-se, por isso, separado dos rituais sagrados. Contudo, estava sempre presente nos divertimentos da população, ou seja, nos rituais profanos de cariz pagão.

Importa dizer que os “mascarados” são consideradas figuras profanas, sendo retiradas do recinto que envolve a igreja e, nomeadamente, de dentro do espaço sagrado que é a própria igreja. Afirmo Tiza, relativamente aos mascarados: “para assistirem à missa, estas personagens devem despojar-se da máscara e das vestimentas, interrompendo nessa altura as suas funções rituais pagãs” (2004: p.21). Depois de respeitada a proibição de participar nos momentos sagrados, os mascarados podem/devem fazer parte integrante de todos os momentos da festa juntamente com os mordomos, tudo isto ao ritmo da gaita-de-foles e ao ritmo de caixa, numa espécie de rito sagrado.

Estes ritos são só para rapazes, tal como nas antigas sociedades secretas masculinas, nas quais os jovens antes de se iniciarem, deviam submeter-se a determinadas provas, mascarando-se em seguida e executando danças violentas para afastar a presença das mulheres.

Actualmente, o mascarado, ou seja, o Careto, desempenha funções meramente profanas, bem diferentes das da sua origem. Temos o caso dos Caretos de Podence, que bem retrata as manifestações de uma tradição secular transmontana, a qual confunde elementos profanos, mágicos e religiosos, em que



o mascarado activo se torna, pela sua metamorfose, num ser de uma ordem superior, gozando de uma força e de uma liberdade sem paralelo, sendo não só o principal líder, como ainda, o principal animador da festa.

Na Antiguidade, havia como que um elo de ligação entre os vivos e os mortos, entre o Homem e a Divindade. Esta dicotomia, ao longo dos tempos tornou-se extensiva à passagem de uma estação para a outra, de um ano para outro, algo que representava um risco na vida social e cultural. Em coincidência com esse período o homem envergava vestimentas e cumpria rituais para garantir as relações dos vivos com o mundo sobrenatural.

Ainda hoje o homem, inconscientemente, desempenha as mesmas funções e, aos olhos do povo, o mascarado representa o diabo e como tal se assume. Dado existirem espaços onde os mascarados não podem fazer o seu exercício, como por exemplo, o adro da igreja e a própria igreja, estes locais servem de refúgio às moças e aos garotos, que têm medo de ser perseguidos.

Todo este envolvimento é rico de crenças populares, salientando Tiza que “se algum Careto morrer, enquanto revestido dos seus adereços, vai direito para o Inferno” (Tiza: 2004, p.20), uma vez que o mesmo se encontra no estado de pecado mortal, por desempenhar práticas diabólicas. Esta crença foi incentivada durante muitos séculos pelo clero, com o intuito de demover os jovens destas práticas.

Vejamos, com algum pormenor, os adereços a que se refere Tiza:



Figura 1 – Careto: Máscara e fato



Figura 2 – Pormenor da Máscara do Careto



Figura 3 – Careto: Máscara e pormenor do traje





Figura 4 – Pormenores do fato do Careto



Figura 5 – Careto em posição de ataque



Benjamim Pereira (cit. por Tiza: 2004, p.20) refere que, o “aparecimento de máscaras nestas festividades não se relaciona com qualquer aspecto do seu significado actual, mas constitui certamente uma sobreposição de cerimónias, com base na consciência de datas e, talvez, no sentido longínquo e obscuro das celebrações religiosas do Inverno”.

Na realidade, e relembrando um pouco o que foi dito anteriormente, o mascarado quando está a desempenhar a sua função, com a sua máscara e com as respectivas vestes, transforma-se num ser superior, tal como refere Tiza “gozando de uma força e liberdade sem paralelo; coloca-se assim acima de todas as normas estabelecidas, e como se tratasse de um ente sobrenatural mas possuído pelo demónio, liberta-se de todos os entraves e dá largas às suas faculdades de destruir e de castigar, de troçar e de acariciar, de dançar e de gritar, segundo a sua vontade” (2004: p.21). Todas estas representações têm uma liberdade de se exprimir que as colocam acima das normas sociais e morais, desempenhando um papel favorável para a crítica social, envolvendo algo de mágico e de sacralizante, visto que vão representar e criticar a comunidade no seu todo, ou nos seus membros ou, ainda, num grupo social específico.

É neste contexto que a máscara no seu aspecto cultural, ritual e profano assume um carácter de verdadeira representação dramática, através de trajes e atributos que prefiguram seres sobrenaturais. Karl Meuli (cit. por Pereira, 1973), relembra como funções capitais, os peditórios, as censuras, as bênçãos e as oferendas, o que tem a ver com os ritos próprios dos espíritos. A oferenda desaparece de maneira misteriosa sendo esse género de “roubo” muito espalhado e considerado como um direito capital das máscaras. As máscaras actuam como uma forma de censura, escondendo-se nela todo o mistério de quem as utiliza.

Na verdade, o cristianismo conferiu às máscaras um valor puramente negativo, transformando-as num artifício diabólico. Esta explicação é particularmente evidente no caso das cerimónias tradicionais dos mascarados, as quais tiveram de se integrar e reajustar a novos contextos, ao serviço da Igreja, Santos, Patronos, e também a diversões profanas e lúdicas, solsticiais, ocasionais e do Carnaval.



CAPITULO III - O CARNAVAL E O MITO

Para muitos é um pecado
Que do imposto que pagamos ao Estado
E do lucro que damos ao mercado
Um pedaço seja destinado ao Carnaval
Para outros no entanto
Da magia do tambor, da cor do canto
É que vem o calor que seca o pranto
Em seus olhos já cansados de ver tanto mal...
“Lamento de Carnaval”, Gilberto Gil

(cit. por Soares: 1999, p. 125)

3.1 O Carnaval e a Máscara (alguns exemplos)

Segundo a definição de Houaiss, o Carnaval caracteriza-se por ser um “período anual de festas profanas, originadas na Antiguidade e recuperadas pelo cristianismo, e que começava no dia de Reis (Epifania) e acabava na Quarta-Feira de Cinzas, às vésperas da Quaresma; constituía-se de festejos populares provenientes de ritos e costumes pagãos e caracterizava-se pela liberdade de expressão e movimento.” (2003: p. 1803)

O Carnaval insere-se assim, num conjunto de ciclos que integram o calendário cerimonial anual sendo, sem dúvida, um dos mais importantes. Presente sob formas muito diversas no meio urbano, ele apresenta, nas sociedades rurais mais tradicionais, características relativamente recorrentes.

O ciclo do Carnaval conhece o seu auge nos três dias que vão do Domingo Gordo à Terça-feira de Carnaval, embora os dias que os precedem possam ser já um prenúncio das folias e liberdades que se seguirão, materializados nos preparativos, quer dos trajes, quer gastronómicos.



O Entrudo propriamente dito, na sua celebração – se exceptuarmos alguns rituais específicos de cada localidade – obedece a um certo número de constantes, de difusão geral no país. A ausência completa de restrições alimentares, tanto em quantidade como em variedade é uma dessas premissas. António Serrão de Castro escreveu um soneto, no séc. XIX, o qual mostra esta realidade de forma inequívoca:

“Filhós, fatias, sonhos, mal assadas,
Galinhas, porco, vaca e mais carneiro,
Os perus em poder do pasteleiro,
(...);
Querer em um dia comer tudo;

Não perdoar arroz, nem cuscus quente,
Despejar pratos, e alimpar tijelas,
Estas as festas são do gordo Entrudo.” (cit. por Coelho: 1993, p.300)

É preciso não esquecer que logo a seguir começa um período de jejuns e abstinências. No caso concreto do Carnaval Transmontano, este articula-se com a aparição de personagens mascaradas de cariz muito próprio, como sejam os *mascarados*, *máscaros*, *Caretos*, os *marafonos* ou *marafonas*, ou ainda *madamas*, que constituem um elemento de relevo nestes festejos carnavalescos.

De todas estas práticas carnavalescas ressalta o carácter de licenciosidade autorizada, de momentânea ruptura e inversão da ordem social, onde todos os excessos são admitidos.

Para Queiroz: “os foliões ritualizam o mito carnavalesco, acreditando estar revirando a ordem social, instaurando uma sociedade igualitária revivida anualmente, cuja esperança é que um dia se perpetue.” (cit. por Soares: 1999, p. 131)

Daillois, e no que respeita à festa, justifica-a desta forma: “A vida regular, ocupada nos trabalhos quotidianos, sossegada, sujeita a um sistema de interditos, cheia de preocupações em que a máxima *quieta non movere*, mantém a ordem do mundo, opõe-se à efervescência da festa.” (1988: p. 95)



A festa, aqui representada pelo Carnaval, funciona como a catarse de que a sociedade necessita. Daillois considera que “Ela implica uma grande concorrência de povo agitado e barulhento. Estes ajuntamentos maciços favorecem eminentemente o nascimento e o contágio de uma exaltação que se prodigaliza em gritos e em gestos, que incita as pessoas a abandonarem-se sem vigilância aos mais irreflectidos impulsos. Mesmo nos nossos dias (...) distinguem-se ainda nelas alguns miseráveis vestígios do arrebatamento colectivo que caracteriza os antigos rega-bofes. De facto, os disfarces e as audácias permitidas no Carnaval (...) demonstram a mesma necessidade social e continuam-na.” (1988: pp. 95-96)

Estamos, assim, perante a Teoria da Ordem e do Caos. À Ordem opõe-se o Caos, a desordem.

Neste período, o mascarado mais não faz do que reforçar essa inconsciência no jogo de identidades sobre a qual assenta a vida social.

Quando falamos da realidade “máscara” e da sua riqueza simbólica, não podemos esquecer a sua diversidade em função da finalidade a que se destina. Temos, pois, a máscara funerária, a máscara de teatro e a máscara carnavalesca.

Cravo (1999)⁸ desenvolve esta teoria atribuindo-lhe outros conceitos. Segundo ele: “os etnólogos consideram actualmente as máscaras universais em três grandes grupos: segundo a simbologia, a funcionalidade lúdica e o esvaziamento do seu conteúdo original.”

3.2 O Mito

Não se pode falar de Carnaval sem se falar de mito, uma vez que este é parte integrante de todo o imaginário que lhe está associado.

O mito, na sua vertente antropológica, remete-nos para o relato simbólico – que é passado de geração em geração – de uma qualquer realidade, seja ela referente a um fenómeno, uma cultura, um costume social.

No âmbito do costume social que, no caso concreto objecto do nosso estudo se consubstancia numa tradição popular, ou seja, o Carnaval, consideramos que mito, ritual e máscara, representam três realidades que se interligam.

⁸ <http://www.bragancanet.pt/arte/mascaras.html>



Ao transpor-se o mito para a realidade, utilizam-se rituais que se podem manifestar através de diversas formas, de diversas representações constituindo a máscara, e no que respeita ao Carnaval, um elemento de grande valor simbólico. Esta, ao simbolizar o fantástico, provoca o espanto, o assombro, ou seja, cumpre uma das primeiras funções do mito.

Veja-se, a este respeito o que diz Campbell, citado por Oliveira: “Quer concebamos a mitologia em termos de afirmação do mundo como ele é ou da restauração do mundo ao que *deve* ser, a primeira função da mitologia é despertar na mente um sentimento de assombro (...)” (2006: p. 13)

Cravo (1999), quando se refere ao mito, enquanto elemento transmitido pela máscara, afirma que: “cada tipo de máscaras não existe em si mesmo como sendo objecto separado dos seus contextos sociais e culturais. Por isso, neste grupo as máscaras só se consideram autênticas em função das mensagens que nos transmitem, devendo atestar a omnipresença do sobrenatural que pretendem representar e o pululamento dos mitos que nos querem transmitir.”

As sociedades de qualquer país caracterizam-se, seja qual for a sua situação geográfica, por apresentar um conjunto de valores, tradições e costumes, impregnados de grande valor afectivo. Este cariz afectivo, que se alimenta de uma diversidade muito própria, e que torna cada sociedade única, exige-lhe uma representação colectiva que perpetue a sua cultura, as suas tradições, considerando Caillois a este propósito que: “Os dados históricos e sociais constituem os invólucros essenciais dos mitos.” (1980, p. 20)

Queiroz afirma que o mito age sobre o real, no que respeita às representações colectivas, definindo-o: “enquanto a tradução de sentimentos e aspirações de uma sociedade por meio de imagens, compondo um conjunto de representações colectivas de grande valor afectivo para ela; tal conjunto se refere a algo que poderá realizar-se um dia e que se procura instalar por meio de comportamentos apropriados... O mito se aproximaria da utopia, uma vez que refere a instalação de um modelo de sociedade atraente, mas irrealizável; todavia a utopia não é senão um projecto ideal, enquanto o mito age sobre o real.” (cit. por Soares: 1999, p. 120).

O Carnaval de Podence, representativo dos rituais de Inverno alusivos ao culto da fertilidade e da agricultura, é extremamente rico no que se refere à mitologia. Embora se baseie de forma muito significativa, no mito do “eterno



retorno”, ou seja, da renovação do ciclo agrário que se concretiza com a chegada da Primavera e em que a vida é entendida como uma realidade que cumpre um ciclo, constata-se que o mesmo vive, essencialmente, do mito; mito em que se fundamentam as suas raízes.

Assim, não podemos deixar de nos referir aos deuses que mais marcaram o Carnaval e à mitologia que lhe está associada. As bacanais romanas, mais não são do que festas onde a orgia impera, sendo dedicadas ao deus Baco (Fig. 6) – ou Dionísio, para os gregos –, rei do vinho, da folia e do prazer.



Figura 6 – Baco

Fonte: Wikipédia

Segundo Chevalier, as bacantes “s’abandonnant avec ferveur à son culte, parfois jusqu’au délire et à la mort. (...) A leurs pratiques étranges, (...) on a donné le nom d’orgiasme ou de ménadisme.” (1983: p. 94).

Este sentido de transgressão, esta vivência de uma certa loucura, está bem presente na realidade do nosso Carnaval Transmontano.

O deus Pan, não só enquanto deus dos cultos pastorícios mas também através da sua figura, meio humana, meio animal (Fig. 7), “d’apparence à moitié humaine, à moitié animale; barbu, cornu, velu, vif, agile, rapide et dissimule: il exprime la *ruse bestiale*.” (Chevalier: 1983, p. 724), foi como que a inspiração do comportamento dos nossos caretos. Estes, tal como Pan, caracterizam-se por possuir uma *astúcia/manha bestial* quando atacam as raparigas.



Figura 7 –Pan

Fonte: Wikipédia

Em síntese, concluímos que a mitologia é transversal a toda a Humanidade, através do seu poder metafórico e dos seus símbolos. Campbell, (cit. por Oliveira: 2006, p.13) afirma que: “A vida de uma mitologia brota e depende do vigor metafórico dos seus símbolos. Estes transmitem mais do que apenas um conceito intelectual, pois seu carácter interior é tal que proporcionam um sentido de efectiva participação numa realização de transcendência.”



PARTE II – FUNDAMENTAÇÃO PRÁTICA



CAPITULO IV – PODOENCE: UMA ALDEIA DO NORDESTE TRANSMONTANO

“Por isso a minha aldeia é tão grande como
outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não, do tamanho da minha altura...”

Alberto Caeiro

4. Origem e Evolução Histórica

4.1 Alguns dados históricos e origem da população

Podence é uma pequena localidade, com uma área de 14,33 Km², 357 habitantes e uma densidade populacional de 24,9 hab./Km². Localizada na região de Trás-os-Montes, no Nordeste Transmontano, pertence ao concelho de Macedo de Cavaleiros e ao distrito de Bragança. O seu orago é Nossa Senhora da Purificação.

Segundo os dados que conseguimos recolher junto dos habitantes da aldeia, (uma vez que não existem registos escritos socorremo-nos da tradição oral) Podence terá nascido ainda antes da formação de Portugal, tendo sido fundada pelo povo mouro.

O que atrás se afirma é defendido com afínco pelos populares, dando como justificação dessa fundação os locais que dizem ser vestígio da passagem dessa antiga civilização pela aldeia.

Um dos lugares mouriscos é, segundo os mesmos, o “Curral Mouro”. Esta justificação baseia-se no facto de os Mouros terem sido sempre grandes criadores de cavalos, sendo que o local referido se caracteriza por ter os melhores pastos, em resultado da existência de um poço, o chamado poço dos Mouros. O poço está



inserido em plena rocha, o que comprova, dada a complexidade exigida na sua perfuração, a estadia dos mouros em Podence.

Há ainda outros factos que servem para provar a passagem moura pela povoação como, por exemplo, os nomes de família. Existe na aldeia a família dos Mouratos, caracterizando-se as mulheres por terem um rosto alongado à maneira das Andaluzas Espanholas. As Andaluzas utilizavam, à semelhança dos naturais de Podence, o provérbio: “ali quem desce da capela de cima, para Lamadona”.

Realça-se o facto de ainda hoje existir a família dos Mouratos que, segundo os naturais da terra, são descendentes da já referida família dos Mouratos.

Por fim, e para terminarmos este breve resumo histórico, vamos revelar outro facto, que remonta à génese da aldeia, socorrendo-nos das palavras de um habitante local: “Mais ainda ..., vai a gente pela aldeia acima e depois da igreja, dizem:

- O que é aqui?
- É o castelo!
- E onde é que está o castelo!?
- Acabou, existiu mas foi há muitos anos, agora só resta o nome.”

Resumindo e parafraseando, uma vez mais, um habitante da terra: “Podence é a aldeia mais antiga de Portugal fundada pelos Mouros e tem um poço que o povo ainda hoje diz, que é o poço dos Mouros”. Este tipo de afirmação, que podemos ouvir talvez em todas as aldeias do nosso país, funciona, não só como uma procura de identidade própria, mas ainda como uma tentativa de remontar às origens, as quais permitam estabelecer a ligação com o nosso quotidiano. Estamos perante uma procura de raízes, de referências, um modo de não ficar perdido no tempo.



4.2 Situação Geográfica

4.2.1 Limites de Zona

A aldeia de Podence situa-se a oito quilómetros da sua sede de concelho, Macedo de Cavaleiros, que por sua vez pertence ao distrito de Bragança, em pleno Nordeste Transmontano. Cruzam esta povoação vias rodoviárias importantíssimas, que estabelecem ligação com o litoral do país. São elas a antiga EN-15 que liga Bragança ao Porto, e o IP4, que à semelhança da EN-15, liga também Bragança com a Cidade Invicta, a capital do Norte de Portugal.

Como limites de zona, Podence tem as aldeias de Santa Combinha, Vale de Prados, Lamas de Podence, Quintela de Lapaças, Corujas, Edroso e a sua anexa Azibeiro, todas pertencentes ao concelho de Macedo de Cavaleiros, se bem que a cerca de três quilómetros, em direcção a Bragança, fique a fronteira entre o concelho macedense e o bragançano, sendo Podence considerada uma zona limítrofe de concelho.

4.2.2 Tipologia da População: Ocupação Sócio-económica

O sector primário – como, aliás, não poderia deixar de ser –, é o que reúne maior grau de importância na aldeia de Podence, embora resumindo-se praticamente aos ramos da agricultura e pecuária. O sector secundário tem também alguma predominância nesta aldeia, devido ao facto de uma das maiores empresas de construção civil do concelho estar aí sediada dando, por conseguinte, trabalho a várias pessoas da terra. O sector terciário é o que integra menor número de trabalhadores locais, resumindo-se apenas a cinco comércios, quatro do mesmo ramo, o hoteleiro, e um supermercado.

No campo da agricultura, que dentro do sector primário é o que reúne maior número de trabalhadores, temos como principais culturas:

- a castanha, o morango, o centeio, batata, uva e fruta em geral. Saliente-se o facto de a actividade começar a estar mecanizada tendo, nos últimos anos a esta parte, o número de máquinas agrícolas aumentado substancialmente.



No tocante à pecuária, esta resume-se apenas à criação, em pequena escala, de bois que têm por finalidade o meio de tracção e vacas para a extracção de leite.

4.2.3 Características Predominantes

Como características predominantes pode destacar-se o facto de estarmos perante uma aldeia simples, onde a emigração “rouba” à terra um grande número de residentes, facto que tem como consequência, uma baixa significativa no índice de mão-de-obra. O sector primário é o que predomina na aldeia e, dentro deste, a agricultura.

4.2.4 Locais Onde se Exerce a Actividade Profissional

Como atrás já referimos, o sector primário é o que reúne maior número de trabalhadores que exercem a sua actividade na agricultura. O sector secundário reúne um número pouco expressivo de trabalhadores, salientando-se o facto de estes serem, na sua totalidade, pessoas com idades que variam entre os vinte e os quarenta anos, portanto, dentro de uma faixa etária jovem. Por fim, temos o sector terciário que tem pouco significado, pertencendo uma parte ao ramo hoteleiro e, outra, ao comércio de bens de primeira necessidade.

4.2.5 Nível de Escolaridade: Sucesso/Insucesso Escolar

A população de Podence apresenta um nível de escolaridade bastante baixo, a maior parte da população apenas tem a quarta classe. Existem casos de completo analfabetismo em pessoas ainda relativamente novas, para não falar nas mais idosas em que o índice é altíssimo, atingindo números assustadores.

Na população mais jovem o nível de escolaridade sobe um pouco, embora ainda seja bastante baixo. Esta situação deve-se a questões que podemos considerar de luta pela sobrevivência, dado se tratar de jovens oriundos de famílias de fracos recursos económico-financeiros. Os pais, depois de concluírem a quarta classe iam trabalhar, uns na agricultura e outros emigravam situação que, de certa forma, é transmitida à geração mais nova.



Salvo raras excepções, estas pessoas para concluírem um ano de escolaridade precisavam de, pelo menos, dois anos e por vezes, mais. Chegavam a sair da escola crianças com catorze anos, mantendo-se alguns até essa idade, porque a lei a isso obrigava.

Ultimamente as novas gerações atingiram já, como meta, o nono ano (3ºciclo). Contudo, a média geral do nível de escolaridade, é a quarta classe.

Pode concluir-se, pelo atrás referido, que estamos perante um caso de alto nível de insucesso escolar.

Para futuro prevê-se, e ainda bem, uma subida do nível de sucesso, pelo facto, não só de começar a verificar-se uma melhoria das condições de vida em geral, como ainda, pelo regresso de alguns emigrantes à sua terra de origem.

4.3 Hábitos Culturais em Podence

4.3.1 Características Sócio-Culturais

A aldeia de Podence tem como característica sócio-cultural o facto de ser uma terra com vários usos, costumes e tradições juntando-se, praticamente todos os habitantes, para os festejar.

Uma outra característica reside no facto de a população apresentar uma grande homogeneidade na maneira de pensar, não só em termos políticos como também em termos religiosos

4.3.2 Rituais de Grupo

Podence é uma aldeia que se pode considerar rica em rituais de grupo, não só na parte religiosa como na profana.

Em termos religiosos destacam-se:

- A missa dominical, o mês de Maria, em que o terço é rezado colectivamente na igreja, a novena em honra da Nossa Senhora das Dores, a Via Sacra pelas ruas da aldeia por altura da Quaresma, a festa em honra de São Sebastião, a festa do Senhor, data em que realizam as primeiras comunhões, a festa em honra da Nossa Senhora da Purificação e a grande festa em honra de Santa Eufémia.



No tocante aos rituais profanos, temos:

- O aguerrido Carnaval, a fogueira de Natal, e o grandioso arraial realizado no Verão, na noite da festa de Santa Eufémia.

Podemos também considerar um ritual de grupo, toda a actividade agrícola, onde geralmente se juntam várias pessoas, como por exemplo na apanha da azeitona, da castanha, da batata e vindima.



CAPITULO V – O ENTRUDO NO NORDESTE TRANSMONTANO

“ O mascaramento é um fenómeno especial que vive no coração do social. A condição psíquica que ele implica – o furor, a folia – não é só uma categoria lúdica, ele é também um facto humano sobre o qual não mais se acaba de reflectir”.

Louis Gernet

5. Tradição e Significado

É nas terras arcaicas e isoladas do Nordeste Transmontano, no ciclo das festas do Inverno, que se iniciam no dia de Todos-os-Santos e que podem prolongar-se até ao Sábado de Aleluia ou ao Domingo de Páscoa, que o panorama temático e funcional destas festividades, em que participam os mascarados, mostra aspectos significativos. Estes estão representados, fundamentalmente, nas seguintes festividades: “Festas dos Rapazes” propriamente dita, festas de Santo Estêvão, festas de Natal, Ano Novo e Reis e Carnaval. As festas de S. João e de S. Pedro, embora não estejam incluídas no ciclo das festas de Inverno, contam, igualmente, com a participação dos mascarados.

O povo, por vezes, considera também o Entrudo como que sendo um santo. Veja-se, a este respeito, o que diz Coelho: “O povo meio comicamente, meio a sério, faz do Entrudo um santo; a expressão Santo Entrudo é muito usual.” (1993: p. 299)

Como já foi referido, o Entrudo urbano ou rural dos nossos dias, tem a sua origem nas antigas festas da Natureza, ligadas à agricultura, as festas Saturnais romanas e as Lupercais celebradas em honra de Pan, o deus dos rebanhos. “Pan é a divindade mais importante do séquito de Dionísio [Baco, na mitologia romana]; deus dos pastores e dos rebanhos, considerou-se originário da região da Arcádia,



mas o seu culto espalhou-se por todo o mundo helénico e inclusive para além das suas fronteiras”. (Francesc-Lluís Cardona 1996: p. 126)

O aspecto demoníaco de Pan era consequência da sua cornamenta caprina e do seu corpo peludo. Os seus membros inferiores de bode faziam dele uma figura medonha. Como as artes de sedução nem sempre resultavam, utilizava a força, embora nem sempre tivesse o êxito que pretendia. Um dos seus poderes mais característico era, sem dúvida, o de causar pânico entre as pessoas, obrigando-as a fugir aterrorizadas. Celebravam-se, em sua honra, as festividades agrárias do início da Primavera.

Nesses tempos, e nessas festas (Saturnais/Lupercais) em honra do deus Pan, protector dos rebanhos, eram permitidos àqueles que as festejavam, todos os excessos, tanto no uso e abuso da comida e bebida, como no escape às regras e comportamentos socialmente estabelecidos, organizando-se, para tal, em associações ocultas. Estas ilicitudes eram efectuadas pelos próprios sacerdotes, que erguiam verdadeiros cultos de apelo à fecundidade, isto no momento mais propício do ciclo da Natureza, ou seja, a aproximação do seu rejuvenescimento que se processava com a entrada na Primavera.

Este era também o momento da purificação e expurgação das pessoas e das comunidades, o que se processava pelos rituais de crítica social institucionalizada e a sua divulgação em praça pública.

A célebre expressão popular “É Carnaval ninguém leva a mal” encontra, assim, a sua razão de ser nestes devassos rituais, próprios destas celebrações, uma devassidão permitida e que, a par de outros ritos expurgatórios constitui, ainda hoje, a sua principal característica.

Ao transpormos esses rituais para a nossa realidade cultural, e no caso concreto do Carnaval de Podence, encontramos a sua representação nos castigos que os mascarados aplicam às mulheres que se atrevem, nesse dia, a sair à rua, “as chocalhadas” como rito regenerativo e fecundante que os espampanantes Caretos revivem e a crítica social expressa na publicação e encenação dos “casamentos” burlescos e ridicularizados dos jovens casadoiros. Estamos, pois, perante rituais expurgatórios de um tempo de passagem que se consubstancia no desfecho do Inverno e o início na Primavera.

Na actualidade, e apesar da “cristianização” que todas estas práticas festivas sofreram ao longo de dois milénios, consideramos poder-se atribuir o



mesmo sentido aos rituais carnavalescos que se encontram em algumas localidades do Nordeste Transmontano, e que decorrem no Domingo Gordo, Carnaval, Quarta-Feira de Cinzas e, posteriormente, a meio da Quaresma.

No Nordeste Transmontano, são várias as localidades rurais que no Carnaval se mantêm fiéis às suas tradições e ritos. Estas festas são sinónimo de comunicação e ponte entre idades, sexos e estatutos sociais.

A título exemplificativo, deixamos aqui registado, alguns dos rituais executados em algumas aldeias do distrito de Bragança:

- Na aldeia de Paradinha Nova, os habitantes, no dia de Carnaval, constroem bonecos de palha e repartem-nos pelos bairros da aldeia. Quando chega a noite, prendem-nos nas árvores e destroem-nos à pancada, utilizando paus;

- Em Pinela, na segunda-feira de Carnaval, ao final da tarde, os homens constroem um boneco e escondem-no numa casa à escolha, sem o dono da casa escolhida saber. Na terça-feira de Carnaval à tarde, os restantes habitantes saem à rua e dão a volta à aldeia à procura do Entrudo (boneco). Na casa onde o Entrudo for encontrado, os donos têm que lhes dar de comer. Na quarta-feira, à tarde, os habitantes queimam o Entrudo (o boneco);

- Em Babe, na terça-feira de Carnaval à noite, os habitantes mascaram-se e vão a casa dos vizinhos sem se deixarem reconhecer. A estes mascarados dá-se o nome de “farramechos” ou “farramusqueiros”;

- Na aldeia de Penhas Juntas, no dia de Carnaval, os rapazes desfazem a cama às raparigas e as raparigas aos rapazes, e nada os trava; caso seja necessário, entram pela janela e deitam farinha e açúcar na cama. À noite, os rapazes e as raparigas da aldeia também se vestem de Caretos e vão pedir pelas casas;

- Em Carrazedo, na noite de Carnaval, os rapazes da aldeia constroem um boneco de palha e colocam-no à porta de casa das moçoilas. Por sua vez, cada uma delas, no decorrer da noite vigia a sua porta e, se o boneco de palha se encontrar à sua porta, vai colocá-lo à porta de outra moça. De manhã, onde estiver o boneco de palha, é sinal que a moça dessa casa não irá casar;



- Em Bouça e Ferradosa, os homens prendem dois burros, e com um arado fingem que estão a arar. Depois, dois homens trazem um saco de cinza, e fingem que vão semeando, enquanto atiram cinza às pessoas;

- Nas aldeias de Podence, Ousilhão, Vila Boa, Varge, Salsas e Baçal, nos dias de Carnaval, os homens da aldeia mascaram-se de Caretos e saem à rua em magotes barulhentos, espalhando o “terror, excitação e riso”.

É nesta região, que todos os anos, na altura do Carnaval, as populações se unem e se organizam de forma a defender os valores culturais e etnográficos da cultura popular do Nordeste Transmontano, mantendo viva a tradição.

Os caretos de Podence, ao contrário do que acontece noutras localidades desta região, têm sido mais divulgados devido ao interesse dos habitantes que conjuntamente com a comunicação social (rádio e televisão) promovem os eventos que celebram, em especial na quadra carnavalesca.

O facto de todos os anos se celebrar o Entrudo com a presença forte dos caretos de Podence, bem como as digressões que estes fazem pela Europa acompanhados pela comunicação social, também contribui para a manutenção viva desta tradição secular.

5.1 Tradições Culturais: O Entrudo de Podence



Figura 8 – Careto de Podence



Consideramos ser nas tradições culturais que Podence tem uma das suas maiores riquezas. De entre todas as que existem na aldeia, a tradição dos Caretos é a que reúne uma maior representatividade, dado tratar-se de uma tradição secular.

Estamos perante uma forma insólita de ritual carnavalesco, onde o binómio “Careto/rústico transmontano” é garantia para uma fascinante experiência, ímpar na sedução e mistério. Mas, o que são afinal os Caretos? Os Caretos são personagens que representam figuras diabólicas e misteriosas, que todos os anos, desde tempos que se perdem na história, saem à rua no dia de Entrudo, aparecendo em magotes barulhentos, espalhando o terror, excitação e riso.

A aparição dos Caretos de Podence, no Carnaval, simboliza a despedida do Inverno e louva a chegada da Primavera. O Carnaval é, assim, um rito entre o pagão e o religioso. Por um lado, temos os excessos do vinho, comida, etc., como nas antigas saturnais romanas e, por outro lado, o início da Quaresma, um período de contenção no calendário religioso.

Grande parte do fascínio dos Caretos, provém das suas curiosas indumentárias confeccionadas na própria aldeia, a partir de grandes colchas de lã ou linho, trabalhadas em teares caseiros e do equipamento que carregam, ou seja, os barulhentos chocalhos e as bandoleiras.

O espectáculo dos Caretos nas suas loucas debandadas pelas ruas, acompanhadas por forte gritaria e pelo barulho ensurdecedor dos chocalhos – característica de qualquer entidade demoníaca que se preze – não conhece ordem nem chefias, deslocando-se em grupo.

Estas trupes não estão sujeitas a qualquer tipo de organização tendo, cada elemento, autonomia suficiente para levar a cabo as provocações que bem entender, não estando ninguém livre de se tornar alvo das suas investidas. As vítimas principais das suas tropelias são as mulheres, principalmente novas e solteiras.

Manda a norma que a rapariga cercada por uma das trupes seja sujeita ao ritual do chocalhar. No “chocalhar” a rapariga solteira é abraçada lateralmente e o Careto, com movimentos rápidos de semi-rotação da cintura, faz com que os chocalhos que transporta à cinta lhes batam repetidamente nas nádegas, transformando-os em verdadeiros chicotes.



Morais, refere alguns pormenores, referentes a este ritual afirmando que os Caretos «ensaíam estranhas danças com um conteúdo erótico, agitando a cintura e batendo com chocalhos nas ancas das vítimas que, para bem do corpo acompanham a dança.» (Manuel Moraes 2002: p.1)⁹

Os Caretos, nesta região, saem à rua nas festas solsticiais de Inverno e na altura do Carnaval assumindo, actualmente, funções meramente profanas, bem distintas das que estão na origem do seu aparecimento. Relembra de facto as suas origens, mas já não com o intuito de saudar a Primavera e pedir um bom ano de colheitas e sim com um intuito mais turístico, chamar turistas a esta região.

O mascarado é um ser superior, que goza de uma força e liberdade ilimitadas, estando acima de toda a lei humana. É como se se tratasse de um ente sagrado, mas possuído pelo diabo, que se liberta de todos os entraves e dá largas às suas faculdades de destruir e de castigar, de troçar e de acariciar, de dançar e de gritar, a seu bel-prazer.

O Carnaval em Podence é festejado de forma a fazer lembrar as suas remotas origens. Neste ritual são visíveis as raízes que ligam o Carnaval de Podence às antigas festas dos Romanos, as Luperciais, efectuadas no dia 15 de Fevereiro, segundo uns em louvor de Pan, deus dos rebanhos, dos pastores e da fecundidade, enquanto outros sustentam que seriam realizadas em honra de Lupercus, também ele deus pastoril da protecção dos rebanhos contra os lobos.

Os Caretos são as figuras principais da festa, os seres quase fantásticos destes rituais pagãos, transmitidos de pais para filhos, a quem tudo é permitido.

As raparigas, nestes dias, preferem ficar em casa, vendo os Caretos da janela. Contudo, mesmo assim, acontece que os mascarados trepam muros, sobem telhados, entram pelas janelas e portas, sem pedir licença a ninguém, sempre com o intuito de irem atrás das raparigas, que nem em casa conseguem ficar a salvo de serem chocalhadas.

As “Marafonas” ou “madamos”, são os únicos elementos que são poupados das fúrias e dos ataques dos Caretos, dado que ao taparem a cara, tal como os Caretos, são considerados elementos da mesma sociedade. Os Caretos prefiguram seres demoníacos, que utilizam a arte das chocalhadas, são invasores e

⁹ In: “Saiba tudo sobre os enigmáticos Caretos de Podence”. Internet. Disponível em <http://www.Caretosdepodence.no.sapo.pt>.



causadores de toda a desordem e abuso instaurados na aldeia, a que não é possível pôr termo.

Os Caretos não importunam só as raparigas. Surgem sempre em grupo e em qualquer lugar, agindo cada um por si nas suas atitudes libertárias, não desdenhando o oferecimento das portas abertas das adegas dos conterrâneos, postas à sua disposição, onde entram para saborear o fumeiro, que sempre que podem surripiam das adegas e das casas, e o vinho que os irá tornar, ao longo do dia e noite, mais atrevidos e infernais.

Contudo, os Caretos têm duas regras que cumprem rigorosamente. A primeira é dar-se a conhecer, descobrindo o rosto, sempre que se encontrem dentro de uma casa ou de uma adega, embora não lhes seja autorizado fazê-lo, nunca, em plena rua. A segunda, é poupar dos seus ataques e atrevimentos as “marafonas” (homens vestidos de mulher), visto não lhes ser permitido, em caso algum, importunar aqueles que se apresentam igualmente mascarados, de rosto coberto, ocultando a sua identidade.

Na peugada dos Caretos adultos seguem as suas réplicas, a uma escala reduzida, ou seja, os “facanitos”. Isto, porque manda a tradição que as crianças do sexo masculino se devem mascarar e comportar de forma semelhante à das figuras tutelares, o que prova a vitalidade da tradição transmontana. Estamos, assim, perante a aplicação prática do provérbio: “É de pequenino que se começa a torcer o diabinho...”



5.2 Os Caretos de Podence: o Renascer de uma Cultura Popular e Tradicional.

Segundo Tiza¹⁰, em Portugal, as terras do interior, que durante muito tempo estiveram isoladas e imunes às influências exteriores, não excluíram as suas vivências carnavalescas; pelo contrário, tentaram preservar as suas características mais ancestrais recriando o imaginário das tradições carnavalescas. Um exemplo desta realidade é o caso, bem presente nos nossos dias, da aldeia de Podence, que não deixa perder a sua identidade, renovando-a ano após ano.

Os Caretos despedem-se do Inverno e saúdam a Primavera.

Como muito bem nos lembra Tiza (2004), é em Fevereiro, que os homens vestem os seus trajes coloridos e escondem a cara entre a máscara, colocam à cintura uma enfiada de chocalhos com campainhas e aí vão eles pela rua fora, dependendo só da sua energia, comunicar ao povo os dias maiores que estão a chegar, louvando com todo o fervor o deus Sol.

Toda esta folia, segundo alguns autores, antecede o início da Quaresma.

A Quaresma representa, no calendário religioso, um período, de calma, reflexão e contenção, não esquecendo o ditado popular “cansar no Carnaval para acalmar até à Páscoa”. (Pereira: 1973, p.71).

As festas tradicionais carnavalescas, imergem das antigas festas da Natureza, ou seja, as saturnais romanas e as lupercais celebradas em honra do deus Pan – uma divindade da mitologia grega – sendo, como refere Tiza, o “Deus dos pastores e do rebanho” (Tiza: 2004, p.255). Em sua honra celebram-se as festividades agrárias do início da Primavera, com o intuito de acalmar a ira dos céus e garantir favores de uma boa colheita.

De acordo com o mesmo autor, é neste mundo que o Homem cria formas mágicas, míticas, ritualistas e lúdicas escondendo-se nos seus disfarces que se chamam *máscaras*, adaptando-as a vários aspectos das forças naturais e demoníacas.

¹⁰ Tiza, António Pinelo – *Inverno Mágico: ritos e Mistérios Transmontanos*. Esquilo edições e multimédia: Lisboa, 2004.



Importa antes de mais lembrar que Podence é uma localidade que faz parte da zona demarcada como “terra quente”, onde a principal actividade da população é a agricultura e a criação de gado. É da terra que se extraem os cereais, e sobretudo a castanha, em grande quantidade, que contribui decisivamente para o sustento das gentes.

É esta aldeia que não deixa morrer as suas tradições, assim permitindo que estejam bem presentes na nossa mente e lembrando aos mais novos todo o seu encanto e beleza.

Em Podence, não se concebe o Carnaval sem as enigmáticas figuras dos Caretos. Segundo Pereira (1973)¹¹, e de acordo com outros autores, são os Caretos que animam toda a ritualidade destes dias de folia, dando cor e vida às ruas de Podence. Esta tradição vai crescendo ano após ano, sem que se perca no tempo, apesar de ter estado adormecida nos anos 70, isto em consequência de estarmos num período político caracterizado por uma ditadura e uma democracia nascente e, ainda, em resultado do fenómeno de emigração, tendo começando a ser recuperada na década de 80.

Nesta localidade do Nordeste Transmontano, a máscara é, de acordo com a opinião de Tiza (2004) – consonante com a de outros autores – rudimentar, feita de lata, condicionada por ser realizada com um material rígido e pobre, sendo por isso muito modesta. Este material é recuperado de velhas latas, com símbolos e marcas de fabrico, e apresenta o rosto de um ser humano; é pintado de vermelho ou preto, tem um nariz pontiagudo, o que prefigura um aspecto fantástico.

Os seus fatos vistosos são de fabrico caseiro, constituídos por calça e casaco com capuz de espessas franjas, que são talhados de colchas vermelhas, com aplicações de franjas de lã de carneiro tingida e bastante colorida, onde predominam as cores laranja, verde, vermelho, amarelo, muito parecidas com as do ciclo de Inverno. Actualmente, a lã tradicional, que era fiada e tingida pelas artesãs, foi substituída por lã sintética com vários tons.

O mesmo autor refere que trazem a tiracolo coleiras de gado com campainhas e, a toda a volta da cintura, uma enfiada de chocalhos. Os chocalhos produzem o som bem característico dos Caretos. Apoiam-se num pau ou numa

¹¹ Pereira, Benjamim – *Máscaras Portuguesas*. Junta da Investigação do Ultramar. Lisboa, 1973.



bengala, para fazer as suas correrias, e colocam no ombro uma pele de coelho e uma bexiga de porco cheia de ar, que representa o símbolo da fecundidade.

Segundo Pereira (1973), a actuação e a personalidade dos Caretos é algo extraordinário e mágico, pois estes assumem uma natureza diabólica e misteriosa. A sua presença é vista como a de um ser aterrorizante, dado colocar-se fora das normas e das convenções sociais do dia-a-dia, fazendo tudo aquilo que não é aceitável nem permitido, no resto do ano.

Ainda de acordo com o mesmo autor, a sua aceitação por parte da população “justifica-se por conter talvez um sentido vago de protecção da comunidade” (Pereira: 1973, p.510), pois é através destes que se normalizam as forças estranhas e se volta à normalidade.

Mascarenhas descreve a atitude das mulheres, perante esta situação/ameaça: “então as mulheres com algum receio ficavam em casa, mas não sabiam o que lhe esperava. Os Caretos invadiam as suas casas, e se a mulher estivesse a cozinhar com os seus potes ao lume, tiravam-lhe a comida e deitavam-na fora e assim toda a família ficava sem comer para mal dos infelizes que ficavam com a barriga vazia. Outras tinham a “sorte” de ver todo este fascínio das varandas das suas casas ou das janelas, sem que fossem vistas pois as mulheres que os Caretos encontrarem na rua são bem chocalhadas e apertadas” (1997: p.5).

Segundo Manuel Morais, aos Caretos tudo é permitido. Menciona, também, que as mulheres se escondiam em casa, nem se atreviam a sair à rua, uma vez que os foliões iam muito para além das chocalhadas, acrescentando que estes “lançavam cinza e dejectos e fustigavam as incautas com pele de coelhos secas ou bexiga de porco fumada” (Manuel Morais 2002: p.1)¹²

O Abade Baçal refere-nos que o gesto das chocalhadas, “poderá estar relacionado com as pancadas que davam os sacerdotes de Pan, na festa do início da Primavera, julgando, desta forma, fecundar as mulheres” (cit. por Tiza: 2004, p.54). Assim se justificando que a acção dos caretos se dirija exclusivamente a moças novas e solteiras.

Mascarenhas (1997) lembra-nos que para além destas figuras emblemáticas estão também associadas as marafonas, que são personagens

¹² In: “Saiba tudo sobre os enigmáticos Caretos de Podence”. Internet. Disponível em <http://www.Caretosdepodence.no.sapo.pt>.



bastante mais calmas. A sua imagem e as suas vestes retratam uma figura feminina podendo, no entanto, ser protagonizadas por mulheres ou homens.

Segundo um habitante da aldeia de Podence, uma vez que a caracterização de Careto está interdita às mulheres, estas decidiram vestir-se de marafonas, dado ser esta a única possibilidade que têm de festejar o Carnaval pelas ruas da aldeia.

Para Tiza (2004), o careto como que assume uma dupla personalidade: ao vestir o seu fato carnavalesco torna-se misterioso e o seu comportamento muda completamente, ficando possuído de uma energia descomunal.

De acordo com várias fontes que foram citadas anteriormente, o Careto assume um papel que tem algo de mágico o que, aos olhos do povo, representa uma força sobrenatural que está escondida. Actualmente, são muitos os homens e as crianças, que vestem os seus fatos de Caretos e que vão invadir, com toda a sua energia, a praça da aldeia, Domingo e Terça-feira de Entrudo.

A riqueza desta tradição etnográfica fez com que a mesma atravessasse fronteiras. “A antiguidade e originalidade desta tradição, cheia de cor e som e a vontade das gentes de Podence, em preservar estas figuras, fizeram dos Caretos personagens famosas para lá dos limites da aldeia... e são cada vez mais frequentes os convites a este grupo etnográfico para deslocações a vários pontos do país e do estrangeiro”.¹³

Aliado a toda esta euforia que são as festas carnavalescas, como muito bem nos lembra Tiza (2004), o “contrato de casamento” vem a público, na aldeia de Podence, no Domingo Gordo, à noite. Trata-se de um ritual, que apesar de ter vindo a desaparecer em algumas das aldeias do distrito de Bragança, subsiste ainda em outras tantas terras de toda a região Bragançana. A génese desta prática está aliada aos Caretos e a associações secretas masculinas que procuram fazer estes rituais.

Lembra-nos ainda que este é um ritual, apoiado na crítica social que vem à praça pública, de uma forma perspicaz, subtil e acutilante para anunciar a toda a população os “contratos de casamento”.

Como refere o Padre Firmino Martins (cit. por Tiza: 2004, p.257) “ são casamentos do Entrudo, onde há bastante do burlesco das matronalia pagãs; (...)”

¹³ In: “Saiba tudo sobre os enigmáticos Caretos de Podence”. Internet. Disponível em <http://www.Caretosdepodence.no.sapo.pt>.



casamentos fingidos de escárnio ou chacota, que lembra a antiga canção satírica e as pantominas báquicas”. Estes casamentos exploram sempre aspectos ridículos e situações bastante incómodas.

Os “contratos de casamento”, em Podence, tal como foi referido anteriormente, segundo o Padre Firmino Martins (cit. por Tiza: 2004, p.258) e Pereira (1973), realizam-se no Domingo Gordo, à noite, para que os protagonistas da festa não sejam reconhecidos. Os anunciantes, que são do sexo masculino, desempenham o papel de sacerdotes, que se fazem acompanhar de muitas pessoas que representam os acólitos; para serem bem compreendidos por aqueles que os ouvem noutros pontos da aldeia, procuram pontos estratégicos da povoação, ou nos pilares dos portões do adro da igreja. Quando estão reunidas as condições favoráveis para que estes façam a sua crítica e refiram os aspectos mais sensíveis da população que desejam postos a “nu”, começam a fazer as respectivas atribuições ao noivo, à noiva e padrinhos, sendo desta forma que fazem a sua censura.

A voz do anunciante deve ficar irreconhecível utilizando-se, para isso – em jeito de megafone – um funil (também denominado embude). Em consonância com os autores acima citados, para que a censura fosse bem entendida, “a voz é amplificada pelos embudes que, ao mesmo tempo, a distorcem para impedir a identidade dos proclamadores” (Tiza: 2004, p.258).

Prosseguindo ainda com a reflexão anterior, os “contratos de casamento” assumem um papel satírico, que se apoia na crítica social, onde todo o desenrolar da acção funciona como um pretexto para se poder dizer tudo o que se quiser, com toda a liberdade, dando livre curso à crítica, tudo isto com um determinado fim, como nos refere Tiza (2004) ou seja, a aproximação dos “proclamados noivos”. O objectivo é criar, de forma lícita, “noivado”, entre casais de diferentes idiossincrasias de um modo fictício.

O ritual do casamento é dotado de uma certa dose de humor, o que podemos constatar através do testemunho de um deles:

Padre (um dos jovens da aldeia):

Palhas alhas leva o vento, aqui vamos formar e realizar um casamento.



Todos em coro (os restantes rapazes): *Uhhh, huu, hu ...*

Padre: *E quem é que havemos de casar?*

Todos em coro: *Tu o dirás, huu, hu, hu....*

Padre: *Há-de ser a (nome da rapariga), filha do (nome do pai ou da mãe na falta deste).*

Todos em coro: *Huuu, huu, hu ...*

Padre: *E quem é que lhe havemos de dar para marido?*

Todos em coro: *Tu o dirás, huu, huu, hu...*

Padre: *Há-de ser o (nome do rapaz), filho do (nome do pai, ou da mãe, na falta deste).*

Todos em coro: *Huuu, huu, hu, hu...*

Padre: *E o que lhe havemos de dar de dote, a ele?*

Todos em coro: *Tu o dirás, huu, hu, hu...*

Padre: *Há-de ser uma terra a Macedo (por exemplo), para que lhe ponha uns cornos como os de um bezerro.*

Todos em coro: *Huuu, huu, hu, hu...*

Findo este casamento, segue-se outro até esgotar a lista de todos os rapazes e raparigas. Realce-se o facto de a lista ser formada por sorteio, realizado previamente, na presença de todos, não havendo hipótese de reclamação, ficando cada um com o que o sorteio ditar, seja a rapariga bonita ou feia, rica ou pobre, gorda ou magra. Manda a tradição que no dia de Carnaval, logo de manhã, o rapaz



vá a casa da rapariga com que foi casado, dar-lhe um abraço e esta, em agradecimento oferece-lhe, como “mata-bicho”¹⁴, doces e vinho fino.

5.3 Os Mascarados de Podence

Os mascarados de Podence, designados de Caretos são figuras enigmáticas, um mito, também devido aos seus trajes e máscaras que mantêm a sua identidade secreta, mantendo outros tempos, relembrando os rituais dos nossos antepassados.

Em Podence, os Caretos usam máscaras rudimentares, feitas de latão, pintadas de vermelho ou negro, com um nariz pontiagudo e três aberturas para os olhos e a boca, representando máscaras terríficas.

Os fatos, extraordinariamente garridos, são guardados e vestidos, muitos deles, geração após geração, constituindo uma preciosidade para a família que os possui. São fabricados na própria aldeia e são feitos de colchas antigas de lã ou linho, tecidas em teares caseiros. Os fatos são constituídos por calças e casaco com um capuz. As peças são quase completamente revestidas com fieiras de franjas de lã ou de carneiro, tingidas de variadas cores vivas, como o vermelho, verde e amarelo.

Como adereço, presos à cintura por um cinto de couro, utilizam fileiras de chocalhos e sobre o peito, cruzadas, têm as “bandoleiras”, também em couro, com duas grandes campainhas. O número de chocalhos é variável. Na mão levam um pau ou bengala de madeira, que lhes serve de apoio, quando saltam ou correm ao som dos chocalhos.

Outrora, os Caretos empregavam uma bexiga de porco ou uma pele de coelho cheia de ar, que agarravam para castigar ritualmente quem se cruzava com eles, costume que hoje em dia é mantido apenas por um ou outro.

Na parte de trás do fato, os Caretos exibem um rabo comprido, que utilizam para bater nas raparigas.

Por detrás de fatos de lã coloridos, acompanhados por máscaras de lata pintada e, ainda, com grandes chocalhos presos à cintura, os homens e rapazes da

¹⁴ “Mata-bicho”, expressão utilizada em algumas regiões do país, para referir a primeira refeição ingerida de manhã.



aldeia de Podence relembram e renovam um mito que tem origens ancestrais, relacionadas com o profano e o sagrado. O mascarado assume o seu poder com rituais ligados a mezinhas, aos males da terra, aos maus espíritos da casa do vizinho, com danças, chocalhos e gritos.

Importa, antes de mais, encontrar uma definição para o conceito de símbolo. Foi neste sentido que recorremos à obra de Maciel o qual, socorrendo-se da opinião de Lalande, define o símbolo como sendo “qualquer signo concreto que evoca através de uma relação natural, algo ausente ou impossível de perceber” (Maciel: 1998, p.13).

Ainda de acordo com a autora, “os símbolos são meios de integração social; sendo ainda meios de dinamismo unificador, um poder que atrai forças contrárias” (Maciel: 1998, p.20).

De facto, podemos verificar através de observação empírica, uma atitude simbólica presente nas relações sociais, de que nos dão conta conhecidos antropólogos.

Acílio, no prefácio da obra de Maciel, lembrando as palavras da autora diz-nos que a máscara, enquanto símbolo, “é uma representação que faz aparecer um sentido secreto, presente na metade visível do símbolo e que não pode figurar”. (1998: p.20).

De uma forma ou de outra, a máscara aparece sempre ligada ao símbolo, ao homem e à cultura. Daí, que procurar compreendê-la é tentar perceber o homem, enquanto ser humano, traduzindo uma organização social, compreendendo a relação dos homens com o mundo, para assim compreender a recriação do cosmos.

Para além do aspecto simbólico, a máscara inscreve-se também no nosso imaginário. É partindo deste pressuposto, que Maciel refere que uma das propriedades da máscara é a de participar simultaneamente, do sensível e do inteligível, ou seja, numa investigação que visa apreender quais as relações inteligíveis quando em conexão com as dimensões do sensível, esse objecto desencadeia um sentido cultural que expressa a cultura do povo, engrandecendo a cultura nacional e a sua originalidade, evidenciando, assim, o património nacional.

Maciel, citando Lévi-Strauss salienta que a máscara é muito mais do que aquilo que representa, pois “ela nega tanto como afirma; não é feita somente daquilo que diz ou julga dizer, mas aquilo que exclui” (1998: p.39), ou seja, a



máscara vai muito para além daquilo que transforma. Este é um dos mistérios que envolve a máscara e que faz dela um objecto simbólico de grande valor cultural.

A máscara na região transmontana, é utilizada pela população, como forma de comunicar e exprimir um hábito colectivo e ancestral, estando associada a ritos de fertilidade, de fecundidade e de iniciação, exercendo funções a nível económico, social, mágico e religioso. Está igualmente relacionada com o aspecto plástico/estético, através das ligações que estabelece com os restantes elementos do sistema cultural a que pertence.

A máscara transforma o indivíduo que a utiliza, levando-o a agir com toda a naturalidade. Ele próprio não se apercebe que passou a ser um indivíduo com características mágicas, e alguém a quem a sociedade presta o devido respeito e apreço. Quando colocam a máscara, os Caretos sentem-se interiormente transformados e assumem, durante o tempo em que a usam, as qualidades do ser que ela representa, seja ele deus ou demónio.

Assim, este objecto observado de forma isolada é apenas uma obra de arte com características humanas ou animais mas, quando colocado no rosto, ganha vida e todo o seu valor simbólico surge aos olhos do povo. De facto, é impossível ficar-se indiferente, quando se observa de perto um rosto mascarado, despertando o seu olhar terrífico, ao mesmo tempo emoção, curiosidade e perplexidade.

A máscara tem vários significados/conotações. No caso concreto, objecto do nosso estudo, pode ser considerada como:

- símbolo da virilidade, uma vez que só os rapazes a podem usar;
- símbolo de fertilidade e fecundidade, representado no acto de perseguir e “chocalhar” as mulheres, podendo ser entendido, quer como uma forma de purificação social, quer como um apelo à fecundidade isto, quando o Careto abana as ancas contra as das raparigas solteiras;
- símbolo da magia e do mal, devido ao aspecto demoníaco e terrífico que apresenta;
- símbolo da sorte uma vez que, segundo a crença do povo, é considerada um talismã, expresso nos ritos de passagem à vida adulta;
- símbolo da transformação do comportamento, da ordem, do quotidiano, dos símbolos da negação da desordem, do mal, do terror, da irresponsabilidade;
- símbolo de união da comunidade;



- símbolo da festa, ilustrando a marca humana de um pensamento, de uma actividade social que se exprime em costumes e hábitos colectivos, onde a máscara se assume como objecto simbólico por excelência.

5.4 A máscara e o seu papel nos rituais populares do Nordeste Transmontano

A associação da máscara aos ritos parece estar presente em várias culturas representando, no caso português, ainda reminiscências de usos e costumes herdados dos povos primitivos que passaram pela Península Ibérica.

Pereira (1973) salienta que as máscaras estão representadas em todos os continentes, sendo caracterizadas por especificidades inerentes a cada região. As máscaras europeias nada têm a ver com a dos outros continentes apresentando estas, não só um carácter cultural, ritual e profano, como ainda, um sentido lúdico. Integradas em cerimónias, assumem um carácter dramático através do traje que prefigura seres sobrenaturais.

A tipologia da máscara está de acordo com a especificidade de cada continente. É neste sentido que o autor estabelece uma relação entre as máscaras portuguesas e as europeias, lembrando-nos que “as máscaras europeias e as portuguesas para lá de certas semelhanças meramente normais, nada têm a ver com as máscaras de povos que se situam fora do continente europeu”. (Pereira: 1973, p.11).

Podemos concluir, pelas palavras do autor, a existência de culturas diversas entre si, donde resultam formas de expressão diversificadas.

Pereira, reportando-se ao Continente Europeu, diz-nos que a máscara tem um “ (...) carácter ritual, cultural e profano” (1973: p.11). Lembrando ainda o sentido lúdico, refere as suas tonalidades específicas fundamentais, como o caso das que representam “comportamentos obscenos, aspersões com água e cinza, combates, danças, barulheira de campainhas e chocalhos”. (Pereira: 1973, p.11).

Seguindo o pensamento de Pereira, que cita Karl Meuli, este refere-nos a importância da máscara nas actividades carnavalescas e relaciona-as com os espíritos dos antepassados.



Tiza acrescenta que o mascarado sai à rua nas festas solsticiais de Inverno e no período de Carnaval, assumindo, na actualidade, funções meramente profanas.

Tiza (2004) referindo-se, ao que nos parece uma função simbólica, atribui à máscara uma função que, aos olhos do povo, «representa o diabo», o que é visível através das atitudes que o autor enfatiza.

O Carnaval, corresponde a um momento crítico das sociedades agrárias, situa-se no momento de passagem do Inverno para a Primavera, e está de acordo com o calendário gregoriano, iniciando o ano em Março.

De facto, sabemos a importância da cultura grega no nosso povo, visível em inúmeras manifestações culturais ainda hoje presentes. Além disso, a cultura gregoriana atribuída a S. Gregório Magno (não confundamos com a origem do nome, baseada no povo grego), está presente na cultura popular, como nos foi dado a conhecer através da nossa pesquisa, destacando-se por exemplo, na música, que nesta região foi profundamente estudada por vários autores como Giacometi, Lopes Graça e Jorge Dias.

Um aspecto que nos parece digno de algum apreço, como lembra o autor, tem a ver com a relação com o sagrado e a consequente “purificação das comunidades pela crítica social, o culto da natureza, pelas suas atitudes licenciosas relacionadas com o apelo à fecundidade (...) o culto dos mortos e da divindade com a transformação de uma pessoa humana num ser com poderes míticos que estão acima das normas sociais instituídas” (Tiza: 2004, p.16).

A máscara acaba por despertar valores sobrenaturais no próprio mascarado que se transforma num ser superior, gozando de uma força e liberdade sem paralelo, colocando-se, de acordo com o autor, “acima de toda a lei humana, como se tratasse de um ente sagrado mas possuído pelo diabo”. (Tiza: 2004, p.19).

Esta diabolização do humano, de que nos fala Tiza, está patente em atitudes que nas suas palavras “dá largas às suas faculdades de destruir e de castigar, de troçar e de acariciar, de dançar e de gritar, a seu bel-prazer”. (2004, p.20).

Tiza (2004), a título de exemplo, refere que os Caretos de Podence se enquadram nas anteriores funções a que nos referimos.

As atitudes tomam o lugar de expurgação e castigos dirigidos aos elementos da comunidade através das conhecidas “chocalhadas”, bastante



violentas, muitas vezes propiciatórias e tomando atitudes licenciosas para com as mulheres.

Não podemos esquecer a organização social muito definida nesta região, uma vez que, na opinião de Rocha (citado por Maciel) os comportamentos sociais, como o próprio nome indica, são o produto da organização e da relação, uma vez que “a vida social, de uma comunidade é definida pelo funcionamento da estrutura social” (1998, p.73).

Sabemos da importância cultural que reveste a família nesta região, desde a família nuclear, até à família alargada que, muitas vezes, tem um alcance numérico surpreendente incluindo a maioria dos elementos da comunidade.

Maciel (1998) lembra-nos que a máscara está conotada com um lugar, com uma comunidade, fazendo parte dos costumes e das tradições.

Podemos transpor esta afirmação para o caso dos Caretos de Podence, cuja tradição se delimita à localidade e comunidade de Podence, localidade onde a comunidade tem feito esforços por manter viva a sua tradição.

É necessário, e fundamental, preservar o património cultural de acordo com as indicações da UNESCO. Assim, compreendemos a necessidade de tornar público elementos culturais que traduzem a cultura do nosso povo. A preservação destes elementos no contexto em que se foram desenvolvendo, possibilitam uma preservação que nos parece estar de acordo com as pretensões do organismo internacional anteriormente referido. Um costume de grande significado como é o Carnaval desta região deve, na nossa perspectiva, ser igualmente preservado, tendo em vista a sua divulgação cultural, presente e futura.

O respeito e veneração pelo objecto sagrado que é a máscara, confirma a contextualização a que anteriormente nos referimos: “ (...) da máscara só pode vir sorte, quer para o povo, quer para os animais ou para a agricultura” (Maciel: 1998, p.81).

Não se pode, assim, estranhar o apreço que estes objectos representam para toda a população.

A máscara no mundo contemporâneo está associada a três grandes grupos, como nos diz António Cravo: “segundo a simbologia, a funcionalidade lúdica e o esvaziamento do seu conteúdo original” (Site: bragancanet, 2005, p.1).

O mesmo autor, em relação ao primeiro grupo, diz-nos que as máscaras estão integradas na própria cultura e na sociedade que lhe deram origem, dado que



cada tipo de máscara não existe por si só, mas sim inserida num contexto social e cultural.

Seguindo esta ideia, verifica-se que a funcionalidade lúdica é referente ao espectáculo “a máscara deste grupo representa apenas uma personagem precisa e a sua estética resulta de normas bem definidas, variadas para o espectáculo” (Site: bragancanet, 2005, p.2.)

Este autor considera que no último grupo as “máscaras falsas, têm um conteúdo contextual quanto à cultura que teimam representar” (Site: brangancante, 2005, p.2).

De facto, a máscara do Nordeste Transmontano está associada ao primeiro grupo, ou seja, o da simbologia, mostrando rituais pagãos como nos refere Tiza, lembrando as palavras do saudoso Abade Baçal e Padre Firmino Martins, que referem essa “infinidade de festas em honra dos Deuses protectores dos campos, dos trabalhos, das sementes, dos frutos, intempéries, doenças, dos lares, dos actos de casamento, da guerra, da morte!” (2004: p.261).

O mesmo autor refere outros casos em aldeias transmontanas que, em sua opinião, se associam à comemoração de ritos tidos como imprescindíveis, não só para a profilaxia dos males sociais, como ainda na preparação da natureza nas suas funções reprodutivas.

5.5 A Casa do Careto

No dia 22 de Fevereiro de 2004, teve lugar a inauguração, de um espaço de cultura e de lazer na aldeia de Podence – Macedo de Cavaleiros – que foi “baptizada” como “Casa do Careto”.

Os visitantes, que em qualquer altura do ano se deslocarem a Podence, vão poder encontrar um espaço que é dedicado ao mais famoso símbolo de actividade pagã do Nordeste Transmontano.

Onde outrora foi uma escola, hoje aprende-se tudo sobre as figuras enigmáticas e diabólicas que são os Caretos, enquadrando-se o visitante num mundo de cor e tropelias. Esta associação foi criada para não deixar morrer a história e a tradição.

A “Casa do Careto” aposta, ainda, na realização de eventos culturais e recreativos, enquadrados no roteiro turístico do Nordeste Transmontano é



composta por uma sala de exposições permanente, uma vez que aí estão expostos todo o ano o espólio das figuras enigmáticas dos Caretos, tudo o que lhes pertence, as suas vestes, uma réplica de um tear que servia para fazer as mantas de lã para fazer depois os seus fatos, onde podemos observar e admirar algumas imagens captadas pelas máquinas fotográficas, que registaram os momentos mais divertidos da animação carnavalesca, alguns quadros pintados a óleo, que foram oferecidos por amigos e simpatizantes da casa do Careto tendo, como tema, o Careto e as suas diabólicas brincadeiras.

Em exposição estão também alguns quadros da pintora Graça Morais, que a Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros ofereceu à casa. Estão expostas outras obras de arte que foram oferecidas, por anónimos, e que se encontram na sala merecendo todo o apreço e consideração por quem as visita.

A casa do Careto serve também de sede ao grupo etnográfico que espalha o saber e a cultura da tradição e que é, actualmente, constituído por cerca de quarenta elementos, todos homens.

Homenagem feita aos Caretos de Podence por Paulo Raposo:

“Interrompendo os longos silêncios de cada Inverno,
Como que saindo discretos e imprevisíveis dos recantos de Podence,
Surgem silvando os Caretos e os seus fonéticos chocalhos,
Bem cruzados, nas franjas coloridas de grossas mantas.
É tempo de Carnaval...
E os mascarados suspendem o tempo,
Como suspensos se encontram os enchidos no fumeiro,
Discretam a boémia, o riso e o excesso,
Como decretada está o seu inevitável e cíclico fim.
E no ano seguinte, tudo se repete nessas sortidas,
Imprevisíveis e nas “chocalhadas”,
Viris nas moças mais afoitadas,
Nas mulheres voluntariamente desatentas,
E nas velhas risonhas e nostálgicas.
A tradição carnavalesca é um palco, para a imaginação,
Fértil da memória em Podence,



E é também uma arte popular, cheia de caminhos por descobrir,
Tantos quantos a comunidade,
Que a imagina, for capaz de explorar,
E que emergem das montanhas do presente.
Foi justamente dessas vontades de construir,
Um património e criar cultura no presente,
Que nasceu a casa do Careto.
Que a sua porta dê para a rua...
Território onde moram definitivamente “os Caretos”.

Paulo Raposo, 2004 (registo de parede na Casa do Careto)



Capítulo VI – IMPRESSÕES

Antigamente, pela altura do Entrudo, no começo da Primavera, o homem saía à rua e realizava festas em honra das divindades agrárias, para que estas fossem benevolentes e lhe dessem colheitas abundantes no novo início do ciclo da vida. Tratava-se de um culto à fertilidade da Mãe Natureza, que tinha por finalidade fazê-lo esquecer o Inverno difícil e cheio de dificuldades por que tinha passado, para reentrar num novo período, de calor, fertilidade e abundância nas colheitas.

Na actualidade, o Carnaval continua a ser comemorado anualmente, mas de forma diferente, porque os tempos são outros, e as dificuldades de vida também. Contudo, e apesar da evolução natural das sociedades, Podence continua a comemorar o Carnaval respeitando as suas tradições e relembrando os seus antepassados, não com o mesmo propósito, mas sim com a vontade de manter viva a identidade de um povo.

Embora os tempos mudem e as pessoas tenham que acompanhar essas mudanças, não devem, contudo, esquecer a sua história. Esta deve ser preservada se se pretende compreender de onde vêm os festejos carnavalescos e, o porquê de ainda existirem determinados rituais que se mantêm e que derivam da nossa história.

É necessário compreender que a nossa identidade é construída não só pelo presente, mas principalmente pelo nosso passado, pelas nossas raízes.

Os habitantes de Podence, bem como dos seus arredores, são unânimes em afirmar que o Entrudo de Podence é, sem dúvida, o Entrudo mais português, mais genuíno, de Portugal, onde os Caretos e os “contratos de casamento” surgem como forma de crítica social, vivendo-se, durante estes dias, o momento mais mágico da aldeia. Consideramos, assim, tratar-se de tradições que hoje em dia ainda perduram e lutam por continuar vivas entre nós.

É nos principais dias festivos do Entrudo em Podence – o Domingo Gordo e a Terça-Feira de Carnaval – que o ritual dos “contratos de casamento” se efectua, iniciando-se na noite de sábado terminando, apenas, quando a sátira tiver “casado” todas as moças solteiras da terra.



O facto de actualmente o Entrudo de Podence ser reconhecido em todo o país, como o Entrudo mais fiel às suas raízes, deve-se à determinação dos habitantes desta pequena localidade que tudo fazem para ver reconhecidas as suas tradições carnavalescas como património cultural.

Questionados os seus habitantes sobre a importância de manter e reavivar esta tradição ano após ano, a opinião é mais uma vez comum, sendo afirmado que estas tradições devem ser mantidas, não só pelo facto de estes costumes constituírem a sua matriz identificativa, como ainda de neles residir a razão de ser de uma ideia de identidade de uma aldeia portuguesa. Outro aspecto da maior relevância tem a ver com a festa que lhe está inerente. Estamos perante uma festa de convívio em que as pessoas brincam e se divertem, envolvendo-se socialmente e, também, por ser uma altura de reencontro entre os habitantes, uma vez que muitos deles encontram-se emigrados, sendo nesta altura que regressam à terra.

Os habitantes mais idosos de Podence afirmam que, embora a tradição ainda se mantenha, já não é tão violenta como era há alguns anos atrás. É que as pessoas, nestes dias, tinham necessidade de trancar as portas, com medo dos abusos dos Caretos. Hoje em dia, os Caretos estão mais moderados, mantendo, contudo, as suas correrias, o seu barulho e os seus gritos, que continuam a surpreender e assustar os mais desprevenidos, especialmente as mulheres.

Os homens das aldeias, os que possuem e vestem os fatos dos Caretos, dizem que ao vestir aquele fato, se tornam seres misteriosos e que os seus comportamentos mudam completamente, ficando possuídos por uma energia que não se sabe de onde vem.

Algumas personalidades desta região, bem como os seus residentes mais idosos, tudo fazem no sentido de divulgar e transmitir esta tradição aos mais novos, pretendendo assim, não só dar continuidade a estas festividades, como ainda, divulgar além fronteiras a sua força, autenticidade, mostrando rituais ancestrais que vão passando de geração em geração.

Com a construção da casa do Careto em Podence, que atrás descrevemos, da sua união com os restantes povos do Nordeste Transmontano e Espanha, estes têm vindo a afirmar-se cada vez mais, lutando por um lugar que consideram ser seu por direito, ou seja, serem reconhecidos como património cultural pela UNESCO.



A máscara dos Caretos de Podence é medonha e, como diz o nosso povo, “feia como o pecado”; é feita de latão, couro ou madeira e celebra o rejuvenescimento com a chegada da Primavera.

Assim sendo, o Entrudo é entendido como a purificação, a expurgação de todos os males.

As diferenças entre o Entrudo de antigamente e o actual é que hoje as máscaras já não têm a função que tinham outrora, ou seja, estabelecer uma ligação entre os vivos e os mortos, entre a divindade e o homem.

Actualmente, as máscaras representam, simplesmente, o diabo em figura de gente, um ser superior a quem tudo é permitido fazer.

Se extrapolarmos da máscara, enquanto objecto, para a máscara que por vezes cada um adopta na sua vida do dia-a-dia, constatamos que cada indivíduo é portador de várias máscaras, faces, isto porque em cada um de nós, cada vida se divide em várias, contemplando vários universos: o círculo de amigos, a família, a política, o desporto, etc.

Assim, podemos afirmar que o uso constante de máscaras é um “ritual” de toda a humanidade: veja-se o caso da política, da religião, ou seja, ela está presente no quotidiano de todos nós.

Em suma, os habitantes desta região apelam e relembram a todas as pessoas, essencialmente aos mais jovens, que estas tradições devem ser acarinhadas, recordadas e incentivadas, para que permaneçam vivas, sendo assim possível dar-lhes continuidade.

Desta forma, os Caretos de Podence poderão continuar a sair à rua e a manter viva a tradição, passando aos mais pequenos, os chamados facanitos, a alegria deste Carnaval, com a finalidade de passar esta tradição de geração em geração.

6.1 As Máscaras Transmontanas – O presente e o futuro

As transformações que se têm verificado na sociedade não têm poupado as terras transmontanas, sendo por isso bem visível, actualmente, um acentuado declínio de vários costumes e tradições populares, entre as quais as que são objecto do nosso estudo.



São vários os factores que poderão ser apontados como os causadores destas perdas, um dos quais é, indubitavelmente, o fluxo migratório, que levou grande parte da população tanto para fora de Portugal, como para outras zonas do país, à procura de formas mais rentáveis de ganhar a vida. Isto originou uma desertificação do interior, fazendo descer a população até níveis muito baixos, pondo em perigo, entre outras coisas, muitas tradições locais. Outro dos factores que pode ser apontado, na linha do anterior, é a própria abertura das comunidades a novas formas de viver e de entender os fenómenos da vida, onde o sobrenatural perde muito terreno. Assim, torna-se necessário repensar esta manifestação enquanto forma de espectáculo, havendo localidades que estão a conseguir alcançar este objectivo, como é o caso de Podence, onde está a ser levado a cabo um trabalho de um grupo, constituído por jovens que têm, não só atraído à aldeia vários investigadores e turistas em busca desta tradição carnavalesca, como ainda têm levado para fora do país essa mesma manifestação cultural.

6.2 Análise da entrevista realizada ao artesão que confecciona o traje dos Caretos de Podence

Com o objectivo de receber informação sobre como se elaboram e confeccionam os fatos dos Caretos de Podence, elaborámos uma entrevista ao artesão que os confecciona.

Este senhor é habitante da aldeia de Podence e, segundo ele, na aldeia, mais propriamente pela colectividade dos Caretos, é chamado “... o pai dos Caretos...”.

Antes que começássemos a entrevista começa por nos dizer:

- “Na altura do Carnaval... vêm-me buscar ao colo para o adro da igreja... como sou eu que faço os fatos, os Caretos reconhecem todo o meu esforço...”

Demos início à entrevista colocando-lhe uma das questões, à qual o entrevistado respondeu com uma gargalhada, recordando um pouco o seu passado.

- “Há quanto tempo se dedica à confecção dos fatos dos Caretos”?

- “... Desde muito novo.... Já o meu pai e o meu avô faziam os fatos, e eu... era criança e já tinha curiosidade em aprender e ajudava no que podia...”



posso dizer que esta profissão... apesar de não me sustentar dela... já vem de gerações anteriores... e eu ainda com esta idade tento-a preservar”.

É com grande entusiasmo, que o mesmo demonstra um certo carinho e amor por aquilo que faz, e continua:

“Agora já me custa costurar... mas... só mesmo quando a saúde não o permitir é que deixarei de o fazer... deixando-me muita saudade... mas outros o farão...”

Esta nossa conversa levou-o a falar um pouco no que consiste o fabrico do fato, não deixando de salientar:

- “... Desde que me casei a minha mulher também me ajudava a cortar e a coser os fatos e... assim é mais rápido. O meu trabalho é de corte e cose... outra pessoa é que faz as franjas num tear... e cose-as ao fato”.

Confrontado com outra questão, que tem a ver com o material utilizado na confecção do fato, o entrevistado diz-nos:

- “O tecido que é utilizado são as cobertas que antigamente eram feitas no tear... de cores variadas... estas eram mais fortes que as de hoje... porque agora as que me trazem para fazer os fatos são das compradas... as dos teares já são raras... e são mais difíceis de coser... partem muitas agulhas...”

Com os seus longos anos de experiência, revela-nos como faz os fatos.

- “Ponho as cobertas numa mesa grande de sala, primeiro corto as calças e depois o casaco, e por fim quando está tudo cortado, coso à máquina. Às calças ponho-lhe alças e botões, ao casaco três botões, depois corto o gorro para coser ao casaco... as mangas também são cortadas à parte”.

Em média, segundo nos disse, um fato demora muito tempo a fazer: cerca de três dias.

Talvez se deva à dedicação e ao carinho que este artesão e a sua esposa demonstram na confecção dos fatos, o facto de ainda hoje serem procurados para os fazer, mantendo assim uma tradição secular, ainda viva e tão presente nos nossos dias.



6.3 Análise da entrevista realizada ao artesão que elabora as máscaras dos Caretos de Podence

São vários os esforços que algumas comunidades fazem para preservar as suas tradições.

Dada a sua pertinência, contactámos também o artesão que elabora as máscaras dos Caretos de Podence. A cultura da máscara, tão fortemente enraizada, deve-se, em grande parte, à figura do artesão.

Na localidade de Podence, ainda temos um artesão que nos tempos livres se dedica à construção da máscara de latão, para assim manter e divulgar a tradição.

Este artesão é habitante da aldeia e desde tenra idade se começou a interessar pelas máscaras de latão. Este ofício foi-lhe transmitido por um tio, como relata ao longo da conversa

- “... Foi o meu tio que me ensinou a fazer, era eu pequeno e já andava atrás dele e dos Caretos, isto já nasceu comigo.”

O artesão foi questionado acerca do material que era utilizado na elaboração das máscaras, ao que respondeu:

- “Visto ser a placa de zinco o material que caracteriza as máscaras tradicionais da aldeia, é esse o material que utilizo, para além disso é um material que apesar de ser um pouco difícil de trabalhar, devido à sua rigidez, com a prática dos anos tem vindo a facilitar e a melhorar”.

No que se refere à moldagem da máscara, explicou-nos que necessita de molde, martelo, soldadura, tesoura de corte e alicate. Só assim se consegue definir a estrutura da máscara.

Para finalizar, perguntámos ao artesão quais os elementos essenciais que definem a máscara utilizada pelos Caretos de Podence e o tempo necessário para que esta fique pronta. Com grande satisfação, respondeu-nos:

- “As máscaras de Podence são diferentes das outras aldeias, as nossas têm um nariz grande, bastante comprido, os olhos são como bolas e uma boca pouco



rasgada. As cores são o vermelho e verde. Demoro cerca de uma hora para as fazer, dependendo da disposição”.

Esclarecidas todas as nossas dúvidas e inquietações, chegamos à conclusão que é devido ao carinho e dedicação desta gente, que uma tradição tão peculiar e singular como a de Trás-os-Montes, continua viva e tão presente nos nossos dias.

Contudo, a vitalidade dos caretos pode estar em risco, pois, infelizmente, não há pessoas seguidoras desta arte, o futuro da confecção está em risco, o que vai contribuir para um desinteresse em manter e lidar com esta tradição artesanal.

Um dos factos notórios de não haver gente nova para seguir os mais idosos é a emigração das populações. Desde há alguns anos, os mais jovens saem à procura de uma vida melhor no estrangeiro ou no litoral do país, e no presente sente-se a população mais envelhecida sem que haja seguidores destes antigos artesãos.

É de salientar que esta tradição não é só conhecida pela região norte de Portugal, sendo também divulgada através dos meios de comunicação, a nível nacional e internacional.



“A cultura não é um substituto para a vida, mas a chave para ela.”

William Hurrell Mallock

Conclusão

As tradições são como os seres vivos. Dinâmicas, como a cultura, nascem, crescem e morrem. Às vezes transformam-se e perpetuam-se a si mesmas.

Com a evolução da sociedade houve transformações importantes, tendo-se perdido alguns hábitos e costumes.

A Máscara é o nosso outro Eu ou o Eu *emprestado* a uma Divindade ou Demónio, para que estas se manifestassem àqueles que nelas acreditavam. Ao longo da História foram essas as parcerias entre o Homem e a Máscara.

A Máscara está intimamente ligada, neste contexto, à criação de personagens com uma finalidade muito precisa, tentando sempre identificar algo ou alguém com significado para os diferentes povos.

Um desses testemunhos foi abordado e estudado, a título de representatividade de tantos outros: referimo-nos às Máscaras do Nordeste Transmontano e os seus principais contextos de uso. Isto ajuda-nos a entender que esses artefactos, parecendo tão simples, causam um efeito semelhante ao de qualquer outro Mascarado que encarna determinada personagem, ou seja, mostram-nos como todo o nosso comportamento pode ser condicionado, pela máscara e pelo que ela simboliza. Ao sermos confrontados com outro rosto, que não o nosso, real e muito próprio, com a nossa própria imagem e identidade, somos remetidos para outros comportamentos, em consequência do artefacto “Máscara”, do que ela significa ou representa.

Em suma, com esta dissertação ficámos a saber mais um pouco sobre este universo das Máscaras, as quais nasceram com o Homem e com ele se irão perpetuar ao longo dos tempos.



Sabemos, igualmente, como associar e decifrar certos termos técnicos e muito específicos desta temática, como o que significam períodos de inversão, “costumes de válvula”, Festas de Inverno, Festa dos Rapazes, Caretos, Mascarados.

Poderemos, através dos conhecimentos adquiridos, proporcionar o intercâmbio cultural e diversão a todos os populares, sendo que o objectivo é difundir pormenores e características culturais através da música, danças, cantares tradicionais, ritos, promovendo o património e identidade de aldeia, vila e da sua população.

No caso concreto do Entrudo, constatamos estar perante uma festa anual, celebrada de forma diferente em vários países do mundo. Ao tentar compreender o seu significado podemos aprender muito sobre nós próprios e sobre os outros.

O Entrudo, ao contrário do que possamos pensar, é muito mais do que uma altura do ano em que reinam as palhaçadas e brincadeiras. O Entrudo constitui uma forma de expressão em constante evolução, que nos liga ao nosso passado e nos mostra a forma como cada cultura interage com o ambiente que a rodeia.

O poder e a criatividade que assume o Carnaval de Podence exemplificam o modo como esta forma de arte pode ser determinante na vida de um povo, pela celebração daquilo que nos torna diferentes dos outros.

Na nossa perspectiva, é fundamental que façamos muito mais do que escrever, ou seja, teremos de criar, apoiar diferentes manifestações que tenham o mesmo tronco de identidade cultural.

Teremos, também, que conseguir preservar o passado, vivendo o presente e construindo o futuro. Como? A resposta surgirá, com certeza, da diversidade dos pontos de vista sobre o mesmo tema, os quais deverão ser debatidos e estudados. Só desta forma poderemos delinear planos de acção com estratégias claras, visando a estreita ligação passado, presente e futuro, deixando a história dos tempos continuar a ser escrita como reflexo de cada presente vivido. Não podemos deixar de referir uma das definições de Cultura que nos diz – *A Cultura é tudo que fica, depois de tudo que se esqueceu*. Esta máxima deverá estar sempre presente nas nossas vidas e comportamentos, perante as nossas tradições mais representativas.

Quando o presente de alguém é de sucesso, todos querem saber o seu passado. O mesmo sucedeu ao longo da História, ininterruptamente, até aos



nossos dias. Representaria muita ousadia e irresponsabilidade de todos nós, querer parar esta roda da existência temporal, este transmitir de culturas de geração em geração.

Para alguns autores não subsistem dúvidas relativamente ao facto de que estas festas são a sobrevivência das antigas festas pagãs e que a máscara poderá ser um testemunho vivo desse tempo, que remonta à Antiguidade.

Através de vários testemunhos, pudemos saber que as características destas manifestações festivas têm atravessado gerações, apesar de não sabermos o «seu sentido original» e que a presença da máscara nestas festas, bem como alguns elementos que lhe estão associados, têm sido motivo de inquietação para a Igreja.

A máscara é sobretudo um símbolo que exerce funções mágicas, religiosas e sociológicas, apresentando um lado cultural e social enquanto pertença de uma comunidade. Constatámos que, para muitos povos, as máscaras são encaradas como objectos mágicos, conferindo aos seus utilizadores poderes peculiares, o que significa que o simbólico e o mito prevalecem na grande maioria das sociedades.

Os vestígios que detectámos, através do nosso estudo, no que respeita à máscara transmontana, levam-nos a concluir que esta apresenta ainda, através da sua simbologia originária, uma prova de ter pertencido longinquamente ao primeiro grupo das máscaras universais, bem próximas das dos povos animistas ou naturalistas, dos outros continentes do nosso globo.

Na homogeneização do mundo rural, com a cultura dos grandes centros actuais que se vai observando nos nossos dias, podemos prever o desaparecimento total das máscaras nos seus contextos festivos, numa consequência também, do desaparecimento dos seus artesãos. Mas, a força e persistência de alguns em manter vivas estas tradições pode levar-nos a acreditar ser possível salvar a máscara, pelo menos nas localidades onde ainda hoje ela tem lugar cativo, onde é respeitada enquanto símbolo, enquanto característica distintiva de uma determinada comunidade.

São muitas as questões, os factos históricos e os elementos que encontramos hoje na região transmontana, que nos possibilitam fazer analogias e comparações com as antigas festas pagãs. Estes elementos são irrelevantes para o povo, a quem não interessam estas relações; ele festeja e mascara-se misturando, facilmente, as festas religiosas com costumes pagãos, repetindo incansavelmente os mesmos gestos e os mesmos ritos com a mesma convicção. Esta postura



mostra-nos que estamos, de facto, numa região que persiste em manter os mesmos traços culturais, as suas tradições, os seus mitos e rituais.

Constatámos que o povo vive intensamente a simbologia da festa, nunca faltando à sua participação pessoal, autenticidade e profundidade. Mas, pelo facto de se exprimir numa linguagem que não é familiar, ela surge aos olhos dos mais novos, como algo de irreal, de inautêntico.



Bibliografia

Obras e Livros Consultados

- Actas do congresso (1995), *A festa popular em Trás-os-Montes*.
Bragança: Edições Nordeste.

- Afonso, Belarmino (1981), *As Festas dos Rapazes na Lombada*. In:
Brigantia: Revista de Cultura, Vol. I, n.º 2. Bragança..

_____ (1981): *Máscaras e Trajos Carnavalescos*. In: *Brigantia: Revista de Cultura*, Vol. I, n.º 0. Bragança.

_____ (1981): *Exposição Etnográfica do Traje Regional*. In: *Brigantia: Revista de Cultura*, Vol. I, n.º 0. Bragança.

_____ (1982): *Ritos Fúnebres e Superstições*. In: *Brigantia: Revista de Cultura*, Vol. II, n.º 2/3. Bragança.

_____ (1987): *Tradição e Cultura nas festas dos Rapazes na Lombada*. In:
Brigantia: Revista de Cultura, Vol. VII, n.º 3/4. Bragança.

_____ (1988): *S.O.S pelas Riquezas Culturais Transmontanas*. In:
Brigantia: Revista de Cultura, Vol. VIII, n.º 1/2. Bragança.

_____ (2000): *Festas Populares e Procissões Solsticiais*. In: *Brigantia: Revista de Cultura*, Vol. XX, n.º 3/4. Bragança.

_____ (2002): *Máscaras e mascarados na exposição do Pintor António Silva*. In: *Brigantia: Revista de Cultura*, Vol. XXII, n.º 1/2. Bragança.



_____ (2003): *Riso, Escárnio e Identidade*. In: *Brigantia: Revista de Cultura*, Vol. XXIII, n.º1/2. Bragança.

- Alves, António Cândido (1995): *As Festas dos Rapazes na Lombada*. In: *A festa popular em Trás-os-Montes – Actas do Congresso*. Bragança: Edições do Nordeste, Lda, 137-188.

- Alves, Francisco Manuel (1910), *A Festa dos Rapazes*. In: *Ilustração Transmontana*, 3 Ano: 178-181.

_____ (1909/48): *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. XI Vols. Bragança: Edição do Museu do Abade Baçal.

- Barros, Jorge e Costa, Soledade Martinho (2002): *Festas e Tradições Portuguesas – Fevereiro*. Lisboa: Círculo de Leitores.

- Bastos, Lília; Paixão, Lyra; Fernandes, Lúcia e Deluiz, Neise (2003): *“Manual para a elaboração de projectos e relatórios de pesquisas, teses, dissertações e monografias”*. LTC Editora, ix.

- Benedict, Ruth (1934): *Padrões de Cultura*. Lisboa: Edições Livros do Brasil.

- Boissevain, Jeremy, (1992) – “Revitalizing European Rituals”. Routledge, Londres;

- Brito, Joaquim Pais de (coord.) (1991): *Enciclopédia temática Portugal Moderno – Tradições*. Lisboa: Pomo Editores.

- Brown, Dan (2004): *O código Da Vinci*. Lisboa: Bertrand Editora.

- Caillois, Roger (1980): *O Mito e o Homem*. Lisboa: Edições 70.

_____ (1988): *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Edições 70.



- Cardoso, António (2004): *Os Caretos de Podence*. Nortemédico/Revista da secção regional do norte da ordem dos médicos, nº 4, p.10.

- Caro Baroja, Júlio (1979): *Le Carnaval*. France: Editions Gallimard.

- Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain (1983) *Dictionnaire des Symboles: Mythes, Rêves, Coutumes, Gestes, Formes, Figures, Couleurs, Nombres*. Paris: Éditions Robert Laffont.

- Coelho, Adolfo (1993): *Festas, Costumes e outros materiais para uma Etnologia de Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

- Correia, Alberto (1999): *Máscaras de Carnaval*. Lazarim, 3ª ed. Viseu: Revista de cultura da Câmara Municipal de Lamego.

- Deshaies, Bruno (1992): *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*. Instituto Piaget.

- Eco, Umberto: *Como fazer uma Tese em Ciências Humanas*.

- Eliade, Mircea: (1957): *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. de Rogério Fernandes. Lisboa: Edição Livros do Brasil.

____(1989): *Aspectos do Mito*. Lisboa: Edições 70.

____(1993): *Dicionário das Religiões*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

____(1994): *Tratado da História das Religiões*. Porto: Edições Asa.

____(2002): *O Sagrado e o Profano – A essência das Religiões*. Lisboa: Edições Livros do Brasil.

- Espírito Santo, Moisés (1989): *Fontes Remotas da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim.



- Fernandes, António (1993): *Métodos e Regras para Elaboração de Trabalhos Académicos e Científicos*. Porto Editora.

- Ferreira, Hélder e Perdigão, Teresa (2003): *Máscaras em Portugal*. Lisboa: Mediatexto, S.A.

- Fontes, António Lourenço (1992): *Etnografia Transmontana*, 2 vols. Lisboa: Edição Domingos Barreira.

- Gil, Helena (coord.) (2002): *Livro de Actas da Galiza e Norte de Portugal, Congresso Cultura Popular*. Porto: Edição Delegação Regional da Cultura do Norte.

- Gomes, Pinharanda (2006): Ensaios etiológicos sobre a Máscara, in Hélder Ferreira e António A. Pinelo Tiza, *Máscara Ibérica*, Vol. I, Porto: Edições Caixotim.

- Herculano, A. (1995): *A festa popular em Trás-os-Montes*. Edições do Nordeste. Lisboa.

- Houaiss, António; Villar, Mauro (2003): *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates.

- Llamazares, Júlio (1998): *Trás-os-Montes – Un viaje português*. Madrid: Grupo Santillana de Ediciones.

- Lévi Strauss, Claude (1958): *Antropologie structurale*. Paris: Plon.

- Lopes, Carlos (2003): *Baçal, a Aldeia e o Abade*. Bragança: Edição do autor, Bringráfica Lda.

- Maciel, Tarcísio (coord.) (1993): *Vinhais terras e gente*. Vinhais: Escola Secundária de Vinhais.



- Mascarenhas, Ana Maria Dias; Morais, Antónia; Maia, Teresa (1997): *Exposição de Máscaras Transmontanas e Alto Durienses*. Biblioteca Municipal. Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros. Macedo de Cavaleiros.

- Oliveira, Ernesto Veiga de (1965): *Festividades Cíclicas*. In: *Dicionário de História de Portugal*. Vol. II. Lisboa.

- Oliveira, Maria Claudete de Souza (2006): *Presenças de Orfeu*. São Paulo: Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Tese de Doutoramento em Letras (Literatura Brasileira).

_____ (1995): *Festividades Cíclicas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

- Pereira, Benjamim (1973): *Máscaras Portuguesas*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar.

_____ *Máscaras Transmontanas*. In: *Brigantia*, Vol. V, n.ºs 2-4. Bragança.

- Pessanha, Sebastião (1960): *Mascarados e Máscaras Populares de Trás-os-Montes*. Lisboa.

- Poirier, Jean (1998): *O tempo, o espaço e os ritos história dos costumes*. Lisboa: Editorial Estampa.

- Queiroz, Maria Isaura Pereira (1992): *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense

- Senos, Rita (2000, 2-8 de Março): *Carnaval, tempo de máscaras*. Visão, p.4.

- Soares, Reinaldo da Silva (1999): *O cotidiano de uma escola de samba paulistana: o caso do Vai-Vai*. São Paulo: Universidade de São Paulo: Faculdade



de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Tese de Mestrado em Antropologia Social.

- Tiza, António Pinelo (1985): *Manifestações de Crítica Social do Ciclo do Inverno*. In: *Brigantia*, Vol. V, n.º 1. Bragança: 189-201.

_____(1996): *O Sagrado e o Profano nas festas do Ciclo do Inverno no Nordeste*. In: *Tellus*, n.º 25. Vila Real: 77-90.

_____(2003): *Ritos Festivos*. In: *Gentes e Costumes*. Bragança: Edição da Câmara Municipal de Bragança.

_____(2004): *Inverno Mágico – Ritos e Mistérios Transmontanos*. 1ª Edição. Lisboa: Esquilo edições.

- Vários autores (1984): *Artes e Tradições de Bragança*. Lisboa: Direcção-Geral da Divulgação.

- Vasconcelos, José Leite (1985): *Etnografia Portuguesa*. Vol. IX. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

_____(1992): *Tradições populares de Portugal*. Imprensa Nacional Casa da Moeda. Vila da Maia.

Internet

- Cravo, António (1999): Máscaras e Mascarados. Internet. Disponível em <http://www.bragancanet.pt/arte/mascaras.html> (consultado em 2 de Abril de 2006).

- Espigueiro – Central de informações regionais. Internet. Disponível em <http://www.espigueiro.pt> (consultado em 1 de Dezembro de 2006).



- Fragoso, Ana (2004): Caretos, Facanitos e Matrafonas à solta em Trás-os-Montes. Internet. Disponível em <http://www.jornal.publico.pt/2004/02/22/magoo/LocalPorto/LP32.html> (consultado em 1 de Dezembro de 2006).

- Fontes, Carlos: Coisas da Cultura. Internet. Disponível em <http://www.acultura.no.sapo.pt/indextradicoes.html> (consultado em 28 de Novembro de 2005).

- Lameiras, Alberto (1995): Festas e rituais com que vivemos: nivelamento ou diferenciação? Guimarães: Universidade do Minho. Disponível em http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG105_13.pdf (consultado em 20 Junho de 2006).

- Palla, Maria José: Melancolia, humores e rituais carnavalescos na “Festa dos Tísicos”. Lisboa. Universidade Nova. Disponível em http://www.fcsh.unl.pt/deps/estportugueses/Escritos/melancolia_rituais_carnavalescos_farsa_dos_f%C3%ADsicos.pdf (consultado em 8 de Maio de 2006).

- “Saiba tudo sobre os enigmáticos **Caretos de Podence**”. Internet. Disponível em <http://www.Caretosdepodence.no.sapo.pt> (consultado em 28 de Novembro de 2006).

- <http://www.bragancanet.pt/braganca/artesanato.html>. (consultado em 19 de Abril de 2006).

- Manuel.morais.megamail.pt. (consultado em 10 de Abril de 2006).

- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ditirambo> (consultado em 20 de Maio de 2006).



Jornais:

- Branco, João (3 de Maio de 2002): “satisfazer o gosto a cortar trajes para Caretos”. In: *Semanário Transmontano*.

- Pires, Sónia (11 de Março de 2003): Exposição de pintura, “Máscaras e personagens mascarados”. In: *A voz do Nordeste*.

- Mota, Emília (1 de Março de 2003): Carnaval 2003/Macedo de cavaleiros. In: *Zoelac*.

- Garcia, Fátima (7 de Março de 2003): Entrudo com Caretos e “Chocalhadas”. In: *Semanário Transmontano*.

- Mota, Emília (1 de Abril de 2003): “Máscaras e personagens mascarados” do Nordeste Transmontano. In: *Zoelac*.

- Pires, Sónia (2 de Março de 2004): Casa do Careto inaugurada em Podence. In: *A Voz do Nordeste*.

- Miranda, Rui (24 de Fevereiro de 2004): Caretos ganham casa em Podence. In: *Jornal Nordeste*.

- Pinto, Eduardo (9 de Fevereiro de 2005): Caretos e Facanitos levam chocalhos a oito. In: *Jornal de Notícias*.

- Branco, João (11 de Fevereiro de 2005): Carnaval dos Caretos é um sucesso dentro e fora do país. In: *semanário Transmontano*.

- (6 de Maio de 2005): Encontro de Caretos. In: *Semanário Transmontano*.

- Batista, Teresa (10 de Maio de 2005): CARETOS reúnem-se em Podence. In: *Jornal Nordeste*.



- Branco, João (13 de Maio de 2005): Caretos esperam ser Património da Humanidade. In: *Semanário Transmontano*.

- Costa, F. Jorge da (13 de Maio de 2005): Podence recebe I Encontro de Caretos Transmontanos. In: *Mensageiro de Bragança*.

- (24 de Maio de 2005): Caretos do Nordeste desfilam em França. In: *Jornal Nordeste*.

DVD

- Orchestra, Stealing (2003): “Os Caretos de Podence”: The incredible Shriking Band. Porto.

- Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros (2005): “Os Caretos de Podence”. Macedo de Cavaleiros.

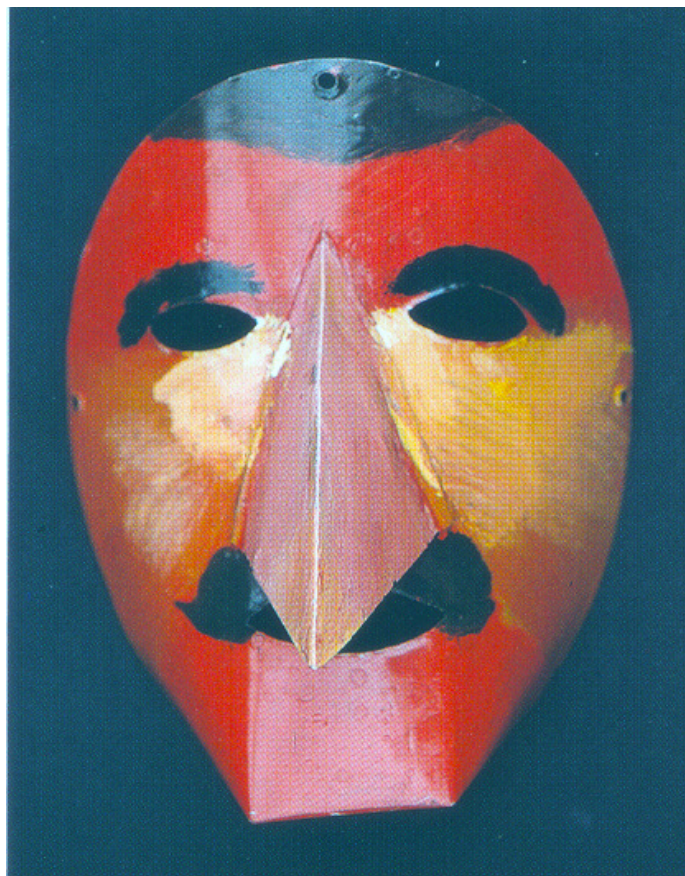


Anexos

Apresentação de Máscaras do Nordeste Transmontano

Carnaval em Podence (Concelho de Macedo de Cavaleiros, Distrito de Bragança)





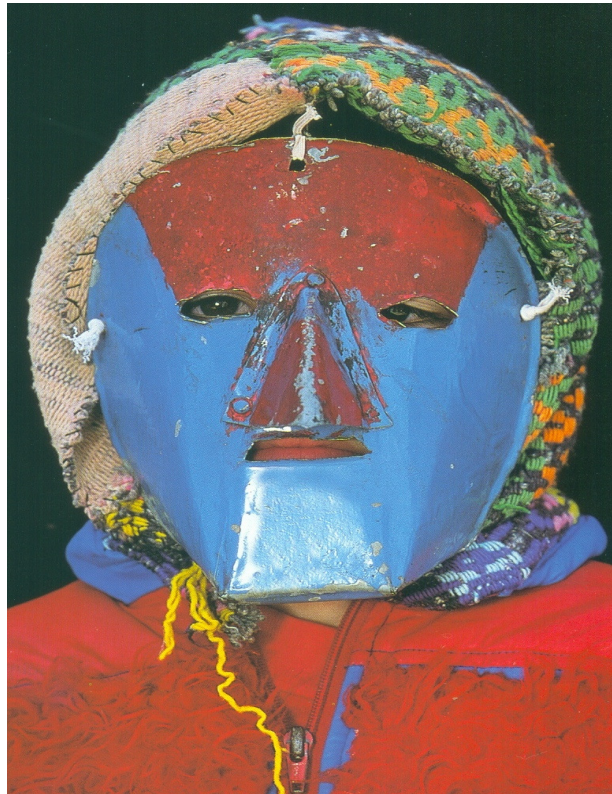


Festa dos Caretos (25 – 26 de Dezembro) em Torre de Dona Chama (Concelho de Mirandela,
Distrito de Bragança)



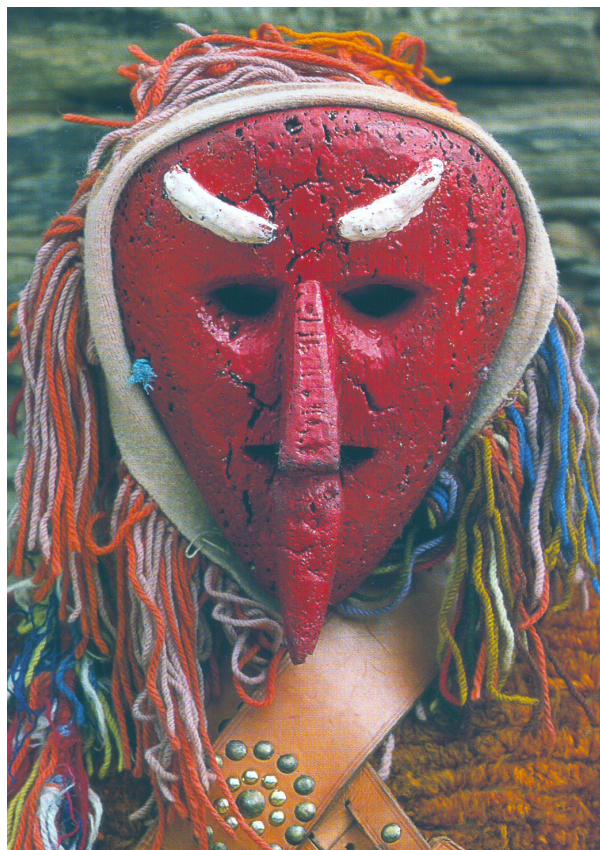


Festas dos rapazes (24 – 25 de Dezembro) em Quintela de Lampaças (Concelho de Bragança,
Distrito de Bragança)





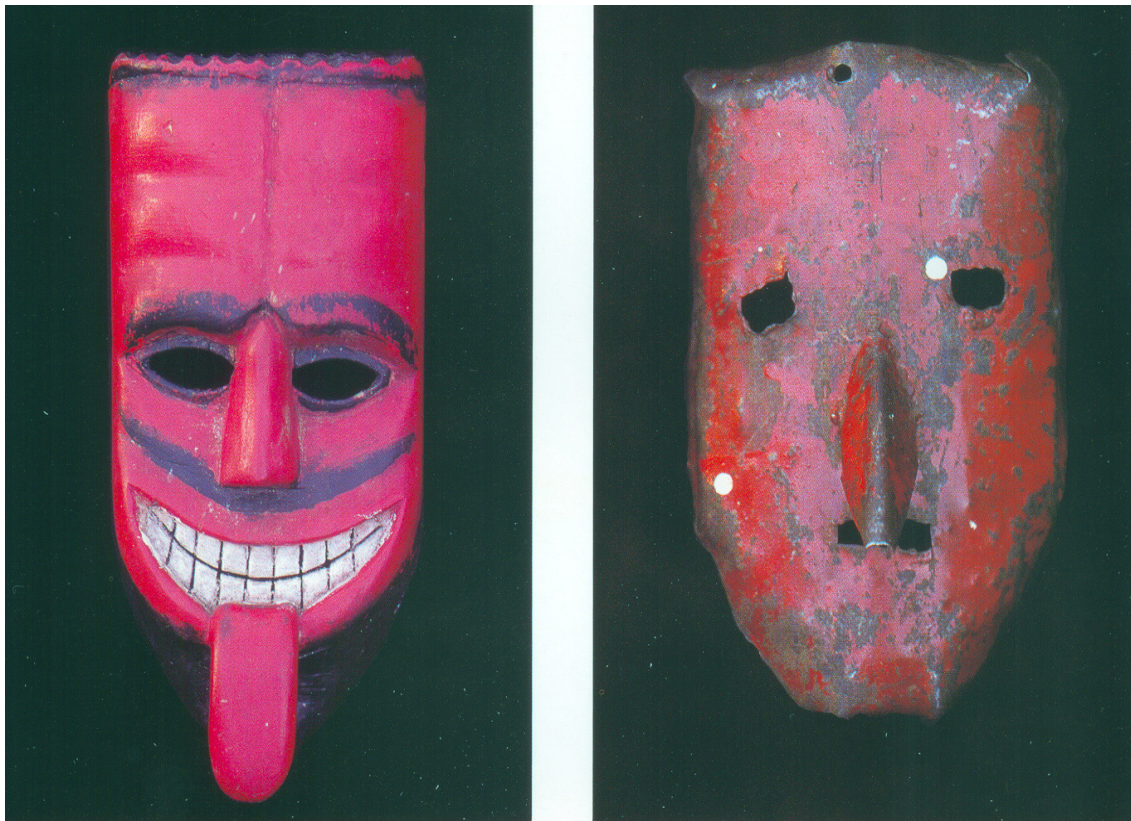
Festa dos Rapazes (25 de Dezembro / 1 – 6 de Janeiro) em Salsas (Concelho de Bragança,
Distrito de Bragança)







Festa dos Rapazes (25 de Dezembro / 1 – 6 de Janeiro) em Freixeda (Freguesia de Salsas,
Concelho de Bragança, Distrito de Bragança)





Festa dos Rapazes (25 – 26 de Dezembro) em Rebordãos (Concelho de Bragança, Distrito de Bragança)





Festa dos Rapazes (25 de Dezembro) em Rebordainhos (Concelho de Bragança, Distrito de Bragança)





Festa dos Rapazes (6 de Janeiro) em Baçal (Concelho de Bragança, Distrito de Bragança)







Festa dos rapazes (25 – 26 de Dezembro) em Aveleda (Concelho de Bragança, Distrito de Bragança)







Festa dos rapazes (25 – 26 de Dezembro) em Varge (Concelho de Bragança, Distrito de Bragança)







Festa dos rapazes (26 – 27 de Dezembro) em Grijó de Parada (Concelho de Bragança, Distrito de Bragança)





Festa dos rapazes (26 – 27 de Dezembro) em Parada (Concelho de Bragança, Distrito de Bragança)





Dia dos Diabos (Quarta-feira de cinzas) em Vinhais (Concelho de Vinhais, Distrito de
Bragança)





Festa dos rapazes (25 – 26 de Dezembro) em Ousilhão (Concelho de Vinhais, Distrito de
Bragança)





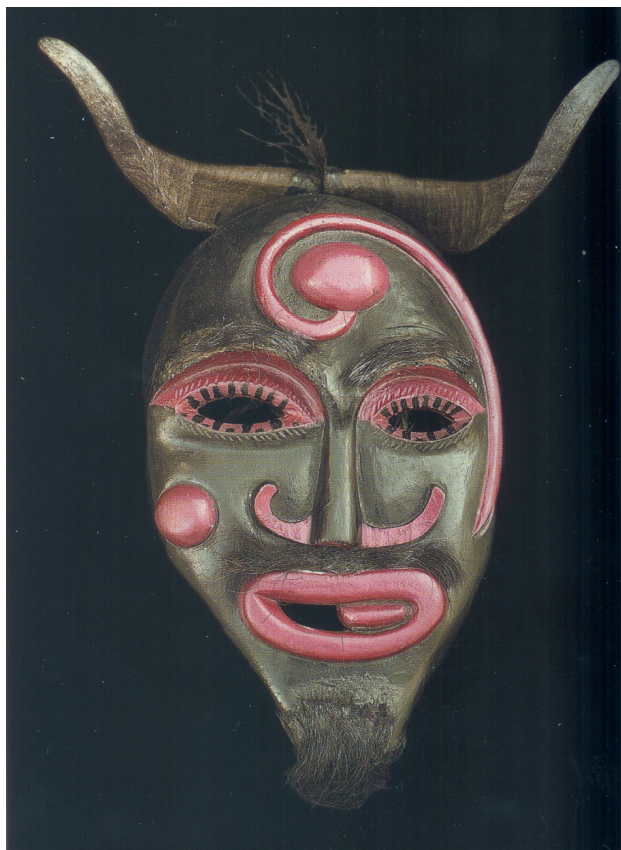


Festa dos Velhos (25 de Dezembro) em Vale de Porco (Concelho de Mogadouro, Distrito de
Bragança)





Festa do Chocalheiro (26 de Dezembro / 1 de Janeiro) em Bemposta (Concelho de Mogadouro, Distrito de Bragança)





Festa dos Velhos (25 de Dezembro) em Bruçó (Concelho de Mogadouro, Distrito de
Bragança)





Festa dos rapazes (26 – 28 de Dezembro) em Constantim (Concelho de Miranda do Douro,
Distrito de Bragança)



